

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR  
DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XX



Nº 5

OUTUBRO  
1992

CADERNOS DE CULTURA

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

MEDICINA NA BEIRA INTERIOR  
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XX



**CADERNOS DE CULTURA**

**Director**  
**António Lourenço Marques**

**Editor**  
**António Salvado**

---

**Nº 5 - Outubro de 1992**

**Publicação não periódica**

**Preço - 500\$00**

---

**Secretariado**  
**Urb. Quinta do Dr. Beirão**  
**Impasse 7,23 - 1º Esq.**  
**6000 CASTELO BRANCO**  
**Telef.: (072) 22471**

**Direcção Gráfica**  
**Tomás Montelro**  
**António Camões**

**Capa**  
**Carlos Matos**  
**(desenho de Ribeiro Farinha)**

**Publicidade**  
**Projectarte, Lda.**  
**Rua Mousinho Magro, 45**  
**6000 CASTELO BRANCO**  
**Telef.: (072) 326644**  
**Fax:(072) 320752**

**Impressão e Acabamento**  
**IMPRINTER**  
**Impressores Internacionais SA.**

---

---

**SUMÁRIO**

---

MEMORIA DE AMATO	
Alfredo Rasteiro .....	4
O ESPAÇO GEOGRÁFICO NAS CENTÚRIAS DE AMATO	
Maria Adelaide Neto Salvado .....	11
ALGUMAS PLANTAS AROMÁTICAS USADAS EM AMATO LUSITANO	
A. M. Lopes Dias .....	20
A REALIDADE DA DOR NAS CURAS DE AMATO LUSITANO	
António Lourenço Marques .....	23
RABACINAS - UMA COMUNIDADE PERANTE A MORTE	
Francisco Henriques, João Gouveia e João Caninas .....	28
A MORTE NO ALCAIDE - ATITUDES E RITUAIS	
Albano Mendes de Matos .....	33
POPULAÇÃO DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA	
António Maria Romeiro Carvalho .....	39
MIGUEL TORGA "O ALMA GRANDE"	
António Morão .....	43
A MORTE E O AMOR	
António Branquinho Pequeno .....	46
III JORNADAS - CONCLUSÕES .....	49

---

## **A Medicina no Cruzamento dos Saberes**

Um dos paradoxos mais incómodos do desenvolvimento actual dos conhecimentos científicos reside no divórcio, tantas vezes patente, entre a indispensável focagem do pormenor e o esbatimento negativo da visão do conjunto. A especialização é uma característica “estrutural” da ciência de hoje, mas de efeitos que podem ser redutores se não for iluminada por uma outra perspectiva que englobe o todo.

O que se passa com a medicina actual, pode exemplificar esta realidade. Na história da medicina, o século XX surge-nos marcado por uma dispersão cada vez maior dos campos de intervenção - a especialização e a sub-especialização - com o intuito de se elevar ao máximo grau de competência dos profissionais. Mas o isolamento desses terrenos não é de todo possível.

Cada área comunga da totalidade do ser humano e reflecte as suas ligações ao meio. Só a correcta confluência interdisciplinar permite, de facto, resolver este “defeito” da especialização, que pode ser muito evidente ao nível de dois dos componentes fundamentais da formação médica: a obtenção dos conhecimentos e o assumir das atitudes terapêuticas. Apenas um outro constituinte, a destreza, pode fugir a tal exigência.

*Medicina na Beira Interior - da pré-história ao século XX* procura reflectir e estimular, a partir de testemunhos desta região, o entendimento que enunciámos. Revelar as manifestações humanas aqui verificadas, com laços à medicina e interessantes do ponto de vista da história do saber, e observá-las dos mais diversos prismas de modo a usufruir a sua totalidade. Pretende-se um diálogo entre as disciplinas, com uma postura de humildade se assim quiserem entender, mais susceptível de mostrar pontos de cruzamento, que engendrem uma concepção comum do saber do que a exibição altiva de um qualquer sistema “intocável” de conhecimento. A história do saber é o mais eficaz “remédio para a especialização” na sábia opinião de Georges Gusdorf.

Este 5º número regista vários trabalhos apresentados durante as nossas III Jornadas, realizadas em Outubro de 1991, e que se subordinaram aos temas “Amato Lusitano: o médico e o humanista” e “O amor e a morte na Beira Interior”. Outras comunicações dessas Jornadas aguardam publicação. Entretanto, encontramos-nos a dar realidade às IV Jornadas, a ter lugar nos dias 23, 24 e 25 de Outubro de 1992, e em que Amato Lusitano se mantém como figura tutelar e os outros temas da vida e da dor na Beira Interior proporcionarão, certamente, nova oportunidade para prosseguir de forma profíqua este caminho.

## MEMÓRIA DE AMATO

Por Alfredo Rasteiro

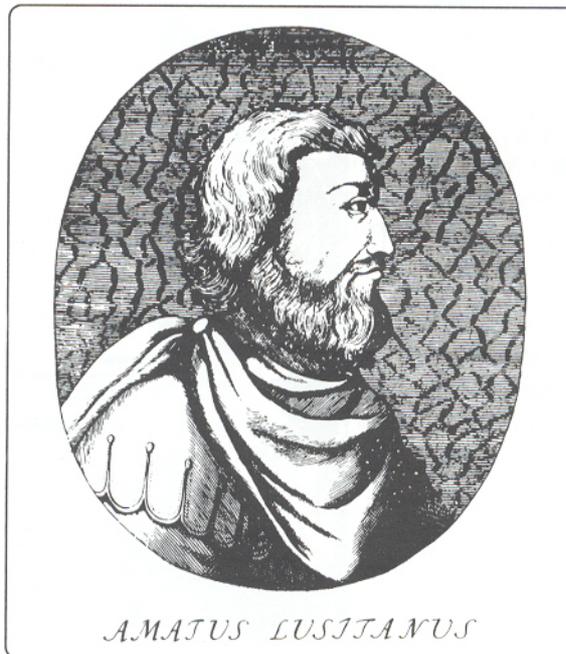
Importa manter viva a Memória de Amato (1511-1568), um Homem que buscou no exílio a Liberdade, que acatava as Leis e abominava os déspotas. A ausência de Liberdade na pátria amada obrigou Amato a recorrer à segurança precária do exílio, a tornar-se Europeu e cidadão do Mundo, a viajar por mar e a deslocar-se em terra, mas nem provações resultantes de incertezas quanto ao futuro nem os muitos trabalhos que passou, lhe abalaram a Alma. A tragédia que neste mês de Outubro de 1991 destruiu uma vez mais Ragusa/Dubrovnik ajudará-nos a compreender razões que terão levado o Autor das "Curas Ragusinas", "Sexta Centúria de Curas Médicas", concluídas em 1558 e publicadas em 1559, a trocar a "Pérola do Adriático" pela Tessalónica, hoje Salónica. No exílio, com Diogo Pires (1517-1597), lembraram o sorriso lindo de Pyrmila, os pátrios lares, as cearas e as uvas maduras, o brilho das folhas das oliveiras. Reflectiram sobre a impossibilidade de dormirem o último sono nas terras onde nasceram. Em Antuérpia e em outros locais, João Rodrigues divulgou o nome da sua terra natal e jamais a esqueceu, amalgamada no seu nome, eternizada na obra científica de Amato Lusitano, João Rodrigues de Castelo Branco.

"He aprouada de todos asentença de salustio em que encomêda aos homês que trabalham exceder, e ter priminência sobre os outros animais que nã passem a vida ensilêncio cómo fazem os brutos que não tẽ mais cuidado que de comer, e de beber cõforme a esta sentença he ho comũ...". Era isto verdade em Garcia de Orta, foi por isto que Jaime Cortesão afirmou que escrever História era praticar

um acto de consciência e é por tudo isto que continuamos a recordar Amato e uma razão mais haverá para recordar Amato em Outubro de 1991, se outras não houvera, num momento em que a sua Ragusa e hoje destruída Dubrovnik continua a concitar ódios que ao fim e ao resto até serão do mesmo tipo daqueles que levaram Amato a trocar Ragusa por Salónica, em 1559.

Em 1557 Amato trocara Pesaro por Ragusa. O enorme entusiasmo pela vida e pelas coisas da Medicina que sempre o impeliu em frente, reacendera-se de novo. No intróito às Curas Ragusinas que constituem as Sextas Centúrias de Curas Mediciniais, onde figura o justamente célebre diálogo - «Cura 100, Dos ferimentos na cabeça...» - está patente a grande admiração que a belíssima cidade do Adriático despertou no ilustre proscrito: - "A cidade de Ragusa é pequena, mas antiga, semelhante a Veneza. Está situada junto ao mar Ilírico, entre elevações rochosas, voltada a sul. Está

por isso exposta ao vento sul e os seus habitantes estão sujeitos a doenças graves no inverno. Os vinhos que produz são fortes mas pouco saudáveis, não produz trigo e tem pouca fruta, porque não tem campos. Tem um governo republicano em que a classe política é constituída por grandes senhores muito ricos e sóbrios. Além desta aristocracia tem uma classe popular formada por mercadores que são pessoas muito civilizadas, com actividades comerciais em muitas partes do mundo e dispendo de grandes e magníficos navios. A restante população é dominada pela pobreza...". Em Ragusa tinha Amato excelentes amigos, como João Gradi, Simão Benesi



João Rodrigues divulgou o nome da sua terra natal e jamais a esqueceu, amalgamada no seu nome, eternizada na obra científica de Amato Lusitano, João Rodrigues de Castelo Branco.

ou Pascal Cervini, sendo Gradi o proprietário de navios que procura Amato quando um seu marinheiro foi espancado na cabeça, ponto de partida para a célebre cura centésima da *Sexta Centúria* em que de forma magistral são descritas as fracturas do crâneo, as fracturas por contra-pancada, as fracturas à distância, o prolongamento das fracturas e as fracturas incompletas dos ossos do crâneo. Simão Benesci governava a terra e administrava o direito.

Em Ragusa conviveu com Amato um outro ilustre expatriado, Diogo Pires (1517-1597), de Évora, seu companheiro na Salamanca do rio Tormes e nas saudades do país de origem onde seria doce viver e morrer, onde crescem searas e a madurecem uvas, onde as folhas das oliveiras brilham...

Amato em Ragusa apenas terá permanecido por espaço de dois anos e para a sua fuga apressada em direcção a Salónica terá contribuído a intolerância gerada pela publicação da "Apologia adversus Amatum Lusitanum", 1558, de Mattiolo, Pietro Andrea Mattioli, (1501-1577), incapacitado moral e psicologicamente para aceitar algumas críticas justas com que Amato o havia distinguido em 1553 "In Dioscorides Anazarbei de medica materia".

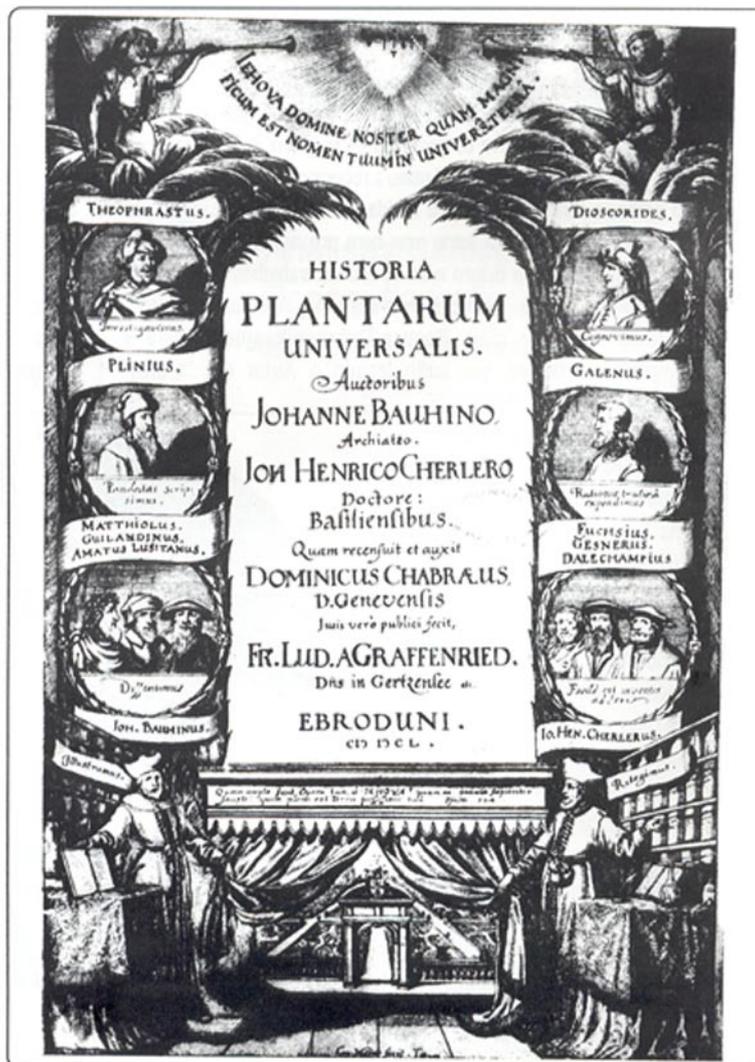
A concluir a *Sexta Centúria*, em 1558, Amato saúda os Ragusinos e ao chegar a Salónica novamente os saúda e lhes roga que aguardem para breve o sétimo tomo das *Centúrias*, composto por observações clínicas registadas na mesma região e nas mesmas cidades em que o divino Hipócrates exerceu a sua arte.

Em 1559 Amato poderá afirmar sob juramento que

nunca as suas frequentes deambulações por terra, nem por fim o próprio exílio lhe abalaram a alma. Quando Amato morreu de peste, quase sexagenário, em Salónica, no ano de 1568, a tratar pestíferos, o

seu amigo Diogo Pires registou que se tratava de uma pessoa muito querida para os grandes deste mundo, mas igualmente para os mais humildes; Portugal fora o seu berço e a terra da Macedónia o sepulcro, bem longe do solo pátrio...

A intolerância religiosa que se terá manifestado em Ragusa por volta de 1558, muito diferente daquela que estará por detrás do revanchismo servo-croata que levou à destruição de Dubrovnik em 1991, seria bem mais branda do que aquela que no passado levou a abrir processos de Judaísmo por todo o Portugal e



à publicação de listagens de pretensos implicados nas mortes de cristãos velhos, como uma que foi divulgada no tempo do Filipe IV (Arq. Nac., Inquisição, Cod. 1506, fol. 66 e seg.), estudada por J. Lúcio de Azevedo e onde se regista: "16. O físico Amato Lusitano, de Castel Branco, fugio para o grão Turco".

Assim, num país oficialmente intolerante como o era o Portugal dos tribunais da Inquisição, das masmorras e dos processos do santo ofício, registasse-se que o nome dessa instituição era mesmo esse, tribunal do santo ofício, ofício santo que não faria mal a ninguém, apenas privava pessoas de liberdade a que legitimamente tinham direito, organizava processos para muitos, confiscava-lhes os bens, perseguia as suas famílias e quando mais nada havia a retirar entregava-os ao poder judicial para que os justicasse. Assim, num país destes, que é o nosso,

como será possível manter viva a memória de Amato, recuperar a sua imagem, estudar a sua obra, reivindicar como portuguesa a sua origem?

Provavelmente sempre em Portugal se mantiveram familiares e admiradores de Amato, que souberam manter viva a sua imagem e uma prova disso serão a estátua e as iniciativas que em seu nome têm sido organizadas desde há muito na sua terra natal, em Castelo Branco.

Porém, Amato terá sido esquecido ou a sua memória foi deliberadamente apagada em alguns sectores da sociedade portuguesa, até por razões que inicialmente se prendem com controvérsias relativas à sangria, com Brissotistas e Averroístas, com seguidores de Vesálio, com admiradores de Matioli, com xenofobia, política, liberdade religiosa, etc...

É certo que Autores como D. Caietano de Santo António, Boticário do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, na "Pharmacopea Lusitana", 1704, inclui um "index dos autores que se allegam neste livro" com nomes como Amato Lusitano, Cristovão da Costa, Gracia de Horta, João Fragoso... mas já o Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra, 1771, que faz largas referências aos grandes nomes da medicina portuguesa, penso que nunca cita Amato Lusitano, embora o pudesse fazer, uma vez que se trata de um nome conhecido no meio universitário. Assim, os professores de Medicina João Pessoa da Fonseca, Manuel Dias Ortigão e Amaro Rodrigues da Costa em 17 de Abril de 1736 citam Amato numa carta inserta na "Matéria Medica Physico-Histórico-Mechanica, Reyno Mineral. Parte I. A que se ajuntam, os principaes Remedios do presente estado da Matéria Medica; como Sangria, Sanguessugas, Ventosas Sarjadas, Diureticos, Sudorificos, Ptyalismicos, Opiados, Quina Quina e, em especial, as minhas Agoas de Inglaterra. Como também Huma Dissertação Latina sobre a inoculação das Bexigas", publicada em 1735, em Londres, por Jacob de Castro Sarmiento, M. D.. Nessa carta, página 12, os Doutores Fonseca, Ortigão e Rodrigues da Costa, escreveram: "Grandes foram as Obras e admiranda pratica de Zacuto, e as Observações de Amato...".

Amaro Rodrigues da Costa, natural de Coimbra, é igualmente conductário com privilégios de professor da Universidade de Coimbra, desde 1727.

João Pessoa da Fonseca, natural de Coimbra, fora nomeado Lente em 1706, tornando-se proprietário de Cirurgia em 1717 e de Anatomia em 1726.

Manuel Dias Ortigão, natural de Gafete, é conductário com privilégios de Lente desde 1727.

Em 1772 já nenhum era professor da Universidade. Dir-se-á até que a carta era para ser publicada na Inglaterra... Dir-se-á, ainda, que Amato, apesar de apoiar Brissot (1ª Centúria, Cura 52) e não apoiar

Dionísio (1ª Centúria, Cura 2), apesar das numerosas edições das suas obras, não seria muito conhecido, o que até será verdade a avaliar pelas parcimoniosas referências que os livros de História da Medicina lhe dedicam. Na verdade, quem teria maior obrigação para o recordar seriam aqueles que ele mais amou: os seus Amigos que como Diogo Pires o não esqueceram, os seus doentes, os seus alunos, os seus patrícios, aqueles que Amato celebra com os epónimos que junta ao seu nome.

E assim, pareceu-me útil uma viagem para trás no tempo, na Historiografia médica portuguesa. Apenas inicie viagem e o caminho continua aberto para quem pretenda obter resposta a questões como: Quando é que em Portugal se começou a falar de Amato? O que diziam? Como o aceitam?

Em 1788 Manoel de Sá Mattos, Familiar do Santo Officio, Cirurgião mor de Infantaria no Segundo Regimento da Guarnição da Cidade do Porto, partidista da Câmara e Saúde pública da mesma cidade, publicou uns "Elementos de Historia Chirurgico-Anatómica em Geral ou Compendio Histórico. Critico e Chronologico sobre a Cirurgia e Anatomia que contem os seus principios, incrementos, e ultimo estado assim em Portugal, como nas mais partes cultas do Mundo; com a especificação de seus principaes Autores, suas obras vidas, mettodo, e inventos desde os primeiros séculos até o presente. Obra dividida em tres discursos ofrecida ao Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Duque de Alafoens", obra esta que fora aprovada em 23 de Novembro de 1786 em Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, estando presentes Francisco Principal Castro Reformador Reitor, António Joze Francisco de Aguiar, Manoel Antonio Sobral, Francisco Tavares, Caetano Joze Pinto de Almeida e Joaquim de Azevedo. A Obra foi impressa em 1788, no Porto, na oficina de António Alvares Ribeiro e é perfeitamente insuspeita: o Autor era cristão velho porque de outra forma não seria partidista e fora aprovada pela entidade com atribuições de censor. A distinção entre cristãos velhos e cristãos novos terminara em 25 de Maio de 1773, os Jesuitas foram expulsos em 1759, mas a inquisição e a censura só foram extintas em 1821 para renascerem com outras roupagens um século mais tarde. Com este enquadramento, Sá Mattos é um autor perfeito. Aliás, demonstrando isenção e independência, como se depreende das seguintes passagens do prefácio da sua obra: - página II - "O espirito de hypothese, e de systema; o de contradição e de amor proprio; o credulismo. a fabula e o plagiarismo tem produzido no Orbe Literário a mais formidavel quantidade de Livros, que sempre admirarão os séculos futuros; e dentre estes os que não são prejudiciais, pedem ao menos por superfluos, huma justa separação, para

a qual são a Historia critica ministrar poder.”

- Página IV - ataca um professor por ter adoptado um livro que já estava fora de uso em Paris.

- Página V - diz de um professor de Lisboa: “vemos ainda alguns Discípulos e asseclas de Monravá, Cathedratico de Anatomia que foi em Lisboa, e hum dos mais fanaticos, stoicos, e desarrazoados Escriptores, que assaz lamentará sempre a Cirurgia Portuguesa...” Sobre o nosso Amato Lusitano diz Sá Mattos a páginas 120 do seu livro: - «Amato nasceu em Castello Branco, villa na Provincia de Beira, com o nome de João Rodrigues; tomou as letras ordinarias para Medicina nas Universidades de Coimbra e Salamanca; aonde manifestados os seus grandes talentos,

logo foy conhecido em toda a Europa, por hum dos mais acreditados Medicos Chirurgicos do seu século; dizemos Chirurgico, porque elle com desabuso não commum, amando mais a razão do que os supersticiosos costumes do seu tempo, hexercitou huma e outra Medicina indiferentemente. O amor da facultativa verdade o conduzio nas largas viagens que fez pela França, Hollanda, Italia & C. e o seu grande merecimento lhe grangeou huma Cadeira publica na Universidade de Feirara; o Rey de Polonia então o convidava para seu Médico, com luzido estipendio, quando por motivos, que não são do nosso assumpto, se recolheo a Thessalonica, grande cidade na Turquia Europea, aonde morreo depois de haver tomado o nome de Amato.”

- Página 121: “Este Sabio Medico, ainda que nasceo em hum paiz, aonde a observancia do Christianismo era exacta, padeceo crueis delírios de Religião, mas detestando nós a sua má Theologia, para fazermos justiça às suas obras, devemos confessar que as suas Centurias Medicinaiis o condecorão entre os judiciosos observadores da Cirurgia; nellas se acha huma queda do utero curada com ventosas applicadas no embigo, e hum pessario coberto de certo emplastro adstringente; outra observação de huma Ischuria curada pela extracção de duas pedras, por meio de huma incisão feita ao canal da uretra; a de huma queixa d’olhos curada com sedenho, e outras muitas em todos os generos d’enfermidades externas. Os principais symptomas do gallico são tractados por este Portuguez com toda a erudição, ainda nos meninos e lactantes, que elle doutamente julgou poderem contagiar, e ser contagiados reciprocamente pelos bicos dos peitos de suas Amas na adhesão do acto de mamarem. Usou muito da operação de Empyema, e facilitou a sua pratica todas as vezes que ouver extravasação

de materia no Peito; e da mesma sorte a do Trepano na cabeça em semelhantes circunstancias, e ainda mesmo sobre as sutturas e osso coronal sendo necessário, & c. Entre estas e outras doutrinas, assas dignas, se encontrarão algumas proposições rídículas, e proprias do seu Seculo, como v. g., afirmar que huma mulher podia conceber sómente por se

metter na agoa de hum banho, em que certo vadio havia seminado antecipadamente &c. As obras de Amato começaram a aparecer em 1551.”

Poderá criticar-se a selecção dos exemplos de casos clínicos apontados, uma vez que em setecentos casos muito haveria por onde escolher e dir-se-á que a proposição tida por rídícula

não o é, ou pelo menos tem um significado seguramente diferente daquela referência a Plínio que figura na Quarta Centuria, Cura 70: “É fama que na Lusitânia, à volta da cidade de Lisboa e do rio Tejo, as éguas voltadas para o vento que sopra, concebiam um ser muito veloz...”. A referência citada por Mattos daria para considerações perfeitamente actuais em Medicina Legal, fecundação artificial e outras.

Há porém outros pontos do trabalho de Sá Mattos que é necessário comentar: em primeiro lugar, entre 1377 e 1537 a Universidade portuguesa esteve localizada em Lisboa, pelo que Amato não poderia ter tomado letras ordinarias para Medicina na Universidade de Coimbra. Aliás, este ponto merece ainda mais algum comentário, uma vez que não dispomos de dados absolutamente rigorosos sobre a saída de Amato para Antuérpia. Sabemos que Amato publicará em Antuérpia, onde esteve seis anos (Primeira Centúria, Cura terceira), o “Index Dioscorides”, datado de 1536, mas esta data não significa exactamente que Amato se tenha expatriado antes desse ano e para não ir mais longe cito como exemplo deste tipo de procedimento a “Materia Medica” de Jacob de Castro Sarmiento, publicada em 1735 em Londres com uma referência a Amato constante em uma carta datada de 17 de Abril de 1736 assinada pelos Professores da Universidade de Coimbra Pessoa da Fonseca, Ortigão e Rodrigues da Costa. Penso que a partida de Amato para Antuérpia tem que ver com a passagem por Lisboa de armador Vicente Gil que partiu para a India em 10 de Abril de 1532, em 13 de Março de 1536, em 25 de Março de 1540, em 23 de Abril de 1542... E isto porque Amato refere na Primeira Centúria, Cura 90, que “quem primeiro trouxe para Portugal a Raiz da China foi Vicente Gil (Vicentius Gillius a Tristanis),

**Amato nasceu em Castello Branco, villa na Provincia de Beira, com o nome de João Rodrigues; tomou as letras ordinarias para Medicina nas Universidades de Coimbra e Salamanca; (...) logo foy conhecido em toda a Europa**

**Importa manter viva a Memória de Amato (1511-1568), um homem que buscou no exílio a Liberdade, que acatava as Leis e abominava os déspotas. A ausência de Liberdade na pátria amada obrigou Amato a recorrer à segurança precária do exílio, a tornar-se Europeu e cidadão do Mundo.**

grande explorador de regiões marítimas e mercador assíduo da Índia”. Desta Raiz informamos Garcia de Orta no Colóquio 47 ter havido dela conhecimento em 1535, na época em que Martins Afonso de Sousa tomava posse de Diu, cujo contracto de cedência será assinado solenemente em 25 de Outubro de 1535. Nessa data Vicente Gil poderia estar já a caminho, numa viagem que “demorava sete ou oito meses” (Segunda Centúria, Cura 31) e não podemos esquecer que Amato refere ter utilizado a Raiz da China em Lisboa, e também em Antuérpia e em Ferrara, Veneza, Ancona e Roma (Segunda Centúria, Cura 31). Refira-se ainda que Ruy Diaz de Ysla, no livro que publicará em Sevilha, fruto do trabalho no Hospital de Todos os Santos de Lisboa e intitulado “Tractado cõtra el mal serpentino” cita “un palo que aora traem de la China por la via de Portugal”, que poderá ou não ser o pau da China, com todo o peso de ter sido referido em livro publicado em 1539. Ora, não sendo de admitir que Amato alguma vez tenha voltado a Portugal, acredito que o “Index Dioscorides” até possa ter sido escrito em Portugal e que tenha sido publicado em data posterior a 1536.

Conviria aqui fazer um outro esclarecimento, desta feita a propósito do epónimo Lusitano: - na Idade Média os Portugueses consideravam-se Hispanos e Portugalenses, como Pedro Julião/ Pedro Hispano, o Papa Português João XXI (1276-77), que em rigor talvez devesse ser João XIX. Após o Discurso de Garcia de Meneses, Bispo de Évora, ao Papa Sisto IV em 31 de Agosto de 1481, começou a utilizar-se o epónimo Lusitano, por exemplo Lúcio André de Resende Lusitano em 1534 na “Oratio pro rostris” pronunciada no dia 1 de Outubro, em Lisboa, mas já assinará apenas Lúcio André de Resende na “Oratio habita” que pronuncia em Julho de 1551, em Coimbra. Em 1552, na abertura solene das aulas na Universidade portuguesa, em Coimbra, no dia 1 de Outubro, o orador Hilário Moreira intitular-se-á, modestamente, conimbricense. Entretanto, portugueses espalhados por essa Europa fora, na esteira de Amato, infitular-se-ão Lusitanos...

Voltando aos Historiografos do final do século

dezoito que se ocuparam de Amato, merecem destaque além de Manuel de Sá Matos, os doutores Caetano Joze Pinto de Almeida (1783-1798) e Jozé Bento Lopes (falecido em 1800).

Pinto de Almeida, estudou em Montpellier e em 1769 matriculava-se em Coimbra onde terminou o curso médico em 1781, sendo nomeado professor de terapêutica cirúrgica em 1783 e promovido a lente de prima em 1795. Para uso dos seus alunos Pinto de Almeida escreveu em 1790 um epitome de História da Medicina que constitui a primeira parte dos “Prima

irurgiae therapeutices elementa” onde figura, na página 39, dedicado a Amato, o capítulo XLII - “Joannes Rodericus de Castello Branco, vulgo Amatus Lusitanus; primus fuit, qui obturatore, in erosi palati foramen usus est”, o que está bem numa historiografia geral da Medicina. Por exemplo, na obra de Pierre Baron “L’ Art Dentaire a Travers la Peinture”, publicada em 1986 em Paris, diz-se no fundo da página 69: “...en 1560, Amatus Lusitanus (1511-1568) et en 1561 Ambroise Paré utilisèrent des obturateurs (invention de Renner de Nuremberg) pour boucher les communication buc-sinuales à la syphilis”...

Jozé Bento Lopes traduziu e acrescentou a Historia da Cirurgia de Pinto de Almeida num livro que tem por título “Primeiros elementos de Cirurgia Therapeutica”, impresso no Porto em 1794, que nos oferece na página 88 : “XLII - Joao Rodrigues de Castello Branco, vulgarmente chamado Amato Lusitano, foi o primeiro, que se servio de hum obturador, para fechar o buraco do paladar, que de ordinário resta depois da carie dos ossos, que concorrem para a sua formação”. Em nota de rodapé,

Bento Lopes acrescenta: “João Rodrigues era natural de Castello-Branco, e sendo formado em Salamanca, praticou por alguns annos a Medicina, e Cirurgia em o nosso Reino pelo meio do século XVI. O amor da sciencia, que professava o arrancou de sua patria para ir viajar por varios paizes da Europa, aonde contrahio, e conservou amizade com todos os homens grandes, que naquelle tempo floresciaõ. Em Ferrara obteve huma cadeira em que ensinou por algum tempo a Medicina; porém o seu génio inconstante, ou algum outro motivo, que se ignora, o fez deixar esta cidade para passar a Ancona, e depois



Estátua de bronze em pedestal de granito, situada no Centro Cívico de Castelo Branco, executada pelo escultor Martins Correia

à Tessalónica, célebre Cidade da Turquia Europeia, aonde deixou o seu proprio nome, para tomar o de Amato Lusitano, e morreu depois de alguns anos, tendo enchido toda a Europa do seu grande nome. Antes de passar ao Estado da Turquia, o Rei da Polonia, e a Republica de Ragusa, desejosos de possuir este grande homem, o convidarão para os seus Domínios, com grandes ofertas, que forão despresadas. Amato Lusitano, diz Portal, era hum homem instruido, engenhoso e grande observador: as suas obras devem ser conhecidas, e consultadas; e são mais filhas da observação, que do engenho. Compreendem estas 7 Centurias de Observações, entre as quais se encontrão muitas pertencentes à Cirurgia, que elle nunca separou da Medicina. Na 14 da Centuria 5 se encontra a descripção do Obturador, de que o nosso Auctor nos falla acima. Este instrumento era composto de huma lamina de ouro, que por meio de hurra hasteasinha se engastava em huma esponja, a qual se adoptava ao buraco, aonde se conservava por dilatação, que a humidade lhe fazia adquirir. Por este modo remediou o defeito de deglutição, e pronuncia, que hum homem padecia, pela existencia de hum tal buraco”.

A descoberta do Obturador palatino que interessou Pinto de Almeida e Bento Lopes será notada mais tarde por J.O. Leibowitz e por L. Samoggia e para ela chamará a atenção J. Paiva Boléu no trabalho “Amatus Lusitanus l’inventeur de l’obturateur palatin”, apresentado ao XXI Congresso Internacional de História da Medicina realizado em 1968, em Siena. E haverá certamente aqui uma grande lição a tirar a qual é de ter sido chamada a atenção para uma descoberta de Amato em duas obras portuguesas que deveriam ter sido conhecidas porque foram livros de texto na Universidade, o Livro de Caetano de Almeida e o Livro deste mesmo Autor traduzido por

**Penso que será interessante investigarmos no nosso passado comum os momentos em que a Memória de Amato ilumina caminhos de futuro**

Bento Lopes e muito mais tarde o mesmo facto vir a ser apresentado como novidade. A conclusão a tirar é só uma: “Cabe-nos formar, reformar incessantemente a memória não só da nação mas ainda da humanidade - essa humanidade que os descobrimentos e a expansão ajudaram poderosamente a construir, mas em relação à qual tanto há a fazer - sempre”, como nos ensina Vitorino de Magalhães Godinho em “Mito e Mercadoria, utopia e prática de navegar”, 1990.

Creio, com Jaime Cortesão, que escrever história

é praticar um acto de consciência. Importa manter viva a memória de Amato, um Homem que buscou no exílio a Liberdade, que acatava as Leis e abominava os déspotas. A ausência de Liberdade na pátria amada obrigou Amato a recorrer à segurança precária do exílio, as viagens por mar e deslocações em terra, mas nem os trabalhos nem as provações do exílio lhe abalaram a alma.

Penso que será interessante investigarmos no nosso passado comum os momentos em que a Memória de Amato ilumina caminhos de futuro. O dia 17 de Abril de 1736, surge-me marcado pela pequenina referência na carta de João Pessoa da Fonseca, Manoel Dias Ortigão e Amaro Rodrigues da Costa: “Grandes foram as obras, e admiranda pratica de Zacuto, e as Observações de Amato, porem estes ham de ceder a Um.” ...e este Um., era o autor do livro que insere a referida carta, Jacob de Castro Sarmento, o livro a “Matéria Medica” “offerecido aos Professores de Medicina do Reyno, e Domínio de Portugal”, datado de Londres, 1735. A carta regista 1736. Inexplicavelmente, ou talvez não, o Compendio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra, 1771, aparentemente parece não citar Amato.

Os “Apontamentos para estabelecerse hum tribunal & colégio de Medicina” de Antonio Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), sugerem que pouca atenção era dedicada a estes assuntos, por exemplo quando deturpa o nome de Garcia de Orta: “Disgraçadamente extinguirose nos Médicos Portuguezes aquelle intenso ardor de servir a sua patria, e a humanidade; acabouse com Jeronimo de Orta no tempo del Rey Dom João o terceyro, e tão torpemente que apenas he conhecida a sua obra em Portugal, se não estiverão traduzidos alguns pedaços dellas em Latim nas obras de Carlos Clusio”.

E Ribeiro Sanches sabia muito bem do que estava a escrever. Ribeiro Sanches editara(?) em Paris, em 1759, à custa de Pedro Gendron, o que pensou ser a obra completa de Luis de Camoens, um poeta que resistiu à Inquisição, resistiu ao tempo, resistiu ao esquecimento e resistiu aos editores...

Quando o familiar do santo officio Dr. Manoel de Sá Mattos escreveu a sua Biblioteca Elementar Chirurgico-Anatómica, em 1788, a inquisição já dera o que tinha a dar e havia a abertura de espirito provocada pela publicação do Compendio Histórico



“Cabe-nos formar, reformar incessantemente a memória não só da nação mas ainda da humanidade - essa humanidade que os descobrimentos e a expansão ajudaram poderosamente a construir, mas em relação à qual tanto há a fazer - sempre”

---

de 1771. De Manuel Sá Mattos para o professor que recebeu o encargo de lhe rever a obra, aliás objecto de sentido elogio na parte final desta quando refere a Cirurgia contemporânea, há um salto qualitativo e é muito interessante notar-se a completa independência do trabalho de Pinto de Almeida em relação a Sá Mattos.

Com esta comunicação apenas procurei partir à descoberta da Memória de Amato, no nosso passado

cultural. Será uma forma de evocar Amato, como qualquer outra que pretenda manter esta Memória viva e exemplo. Tem plena justificação em Castelo Branco, a terra natal de Amato, a qual não teve nem terá jamais o privilégio de guardar os ossos deste seu ilustre filho. Tem justificação no mês e ano em que mais uma vez Ragusa foi destruída. Em 26 de Outubro de 1991, dia em que o povo Maubere será uma vez mais esquecido.

---

## O ESPAÇO GEOGRÁFICO NAS CENTÚRIAS DE AMATO

Por Maria Adelaide Neto Salvado

É meu objectivo dar-vos conta da perspectiva do olhar duma geógrafa sobre as Centúrias de Amato.

Escritas num tempo em que a Geografia era como que um caleidoscópio mágico do mundo, as Centúrias de Amato Lusitano espelham inevitavelmente reflexos desse mundo alargado e vário em rápida mutação.

Nortearam, por isso, a minha leitura linhas que visavam encontrar resposta a três questões:

1º - Qual o sentimento de Amato face a esse mudado mundo, diverso em gente e em costumes, surgido dos descobrimentos geográficos?

2º - Qual a receptividade e atitude de Amato em relação às exóticas plantas medicinais e aos novos métodos de cura trazidos das terras longínquas dos confins da orbe?

3º - Que lugares, que ambientes, que paisagens portuguesas, descreveu ou referenciou Amato?

Como sentiu Amato o espaço geográfico português?

### As exóticas plantas medicinais do novo mundo descoberto...

Relativamente a esta questão, logo na Cura XC da primeira Centúria surge a referência a uma planta trazida da então misteriosa China.

Nessa cura, intitulada - "Da dor dos quadris e da Raiz dos Chinas" -, Amato relata o caso dum grego que sofria de antiga dor nos quadris e para a qual nem as repetidas idas aos banhos de Pádua, nem o uso de remédios variados surtiram qualquer efeito.

Foi, no entanto, um decocto da raiz da China, aconselhada por Amato e tomado ao longo de 25 dias, que libertou o grego dessa dor antiga. Nos

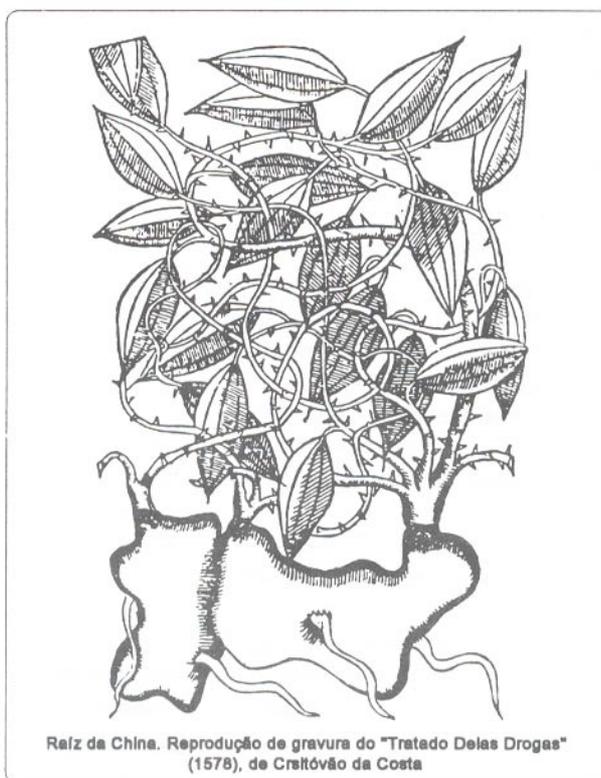
comentários a esta cura, esclarece Amato ser esta raiz, embora totalmente semelhante à raiz das canas europeias, proveniente da China, terra donde há anos "começou a ser trazida para Portugal pelos nossos Lusitanos que fazem a navegação da Índia, Reino dos Chinas e mais além", acrescentando ter sido um explorador das regiões marítimas e mercador assíduo da Índia, Gil Vicente Tristão, quem pela primeira vez a introduziu em Portugal.

A descrição desta raiz, a indicação pormenorizada das suas virtudes terapêuticas e do seu modo de preparação, a dieta alimentar que a sua utilização exigia -

patenteiam, penso, a aceitação plena duma nova medicina trazida do misterioso Oriente.

Mas é na Cura XXXI da 2ª Centúria, intitulada - "O método e verdadeira regra de propinar o decocto da Radix Sinarum na pessoa do Sumo Pontífice Júlio III; ao meu ilustre e também Humaníssimo D. Vicente de Nobilius, justíssimo Governador de Ancona" - que esta evidência se torna mais forte e esclarecedora.

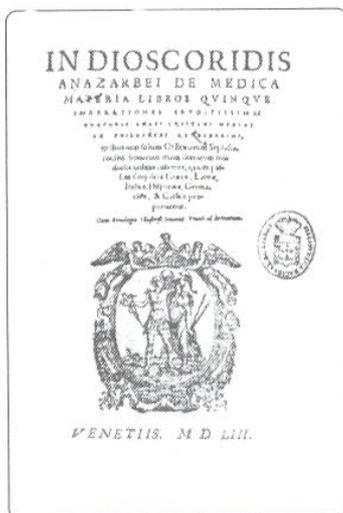
Enaltece Amato as virtudes desta raiz da China, afirmando ter-lhe sido concedida "por dom divino o primado entre os que servem para conservar a saúde humana"; descreve-a como sendo semelhante à raiz das canas comuns, referencia a cor rubra exterior e o seu tom "esbranquiçado por dentro e com certa cor vermelha" e, curiosamente, tenta fornecer com



Raiz da China. Reprodução de gravura do "Tratado Delas Drogas" (1578), de Cristóvão da Costa

Enaltece Amato as virtudes desta raiz da China afirmando ter-lhe sido concedida "por dom divino o primado entre os que servem para conservar a saúde humana"; descreve-a como sendo semelhante à raiz das canas comuns

precisão a localização geográfica dessa terra dos confins da orbe onde, junto ao mar, crescia esse género de canas cheio de virtude. Escreveu Amato: “A China ou Sina como dizem os Cosmógrafos, é uma região confinante com a Índia Transgângética que termina junto da Sérica. De facto, a Índia Transgângética é limitada a oeste pela outra Índia e pelo rio Ganges, a norte pela Scitia e pela terra Sérica ou das sedas, a oriente pelo país dos Chins e a sul pelo Oceano Indico”.



Porém, é no modo de preparação desta raiz e nas críticas que tece ao opúsculo escrito por André Vessálio sobre as propriedades da Radix Sinarum, que a receptividade de Amato às novas medicinas vindas das terras descobertas, aliada à busca de informações precisas sobre os seus métodos de preparação - que a abertura do seu espírito à novidade desse novo mundo mais ressalta. Escreveu Amato: “anatômico Germânico abstinha-se do que com razão se deve abster, pois que os chineses e aos Portugueses, que estão frequentemente com eles e trouxeram para a Europa o uso desta raiz se deve perguntar o verdadeiro, genuíno, e característico modo de a preparar”. E numa outra passagem: “Não se estrague, nem modifique esta verdadeira forma de dar o decocto, visto ser o verdadeiro processo usado pelos chineses”.

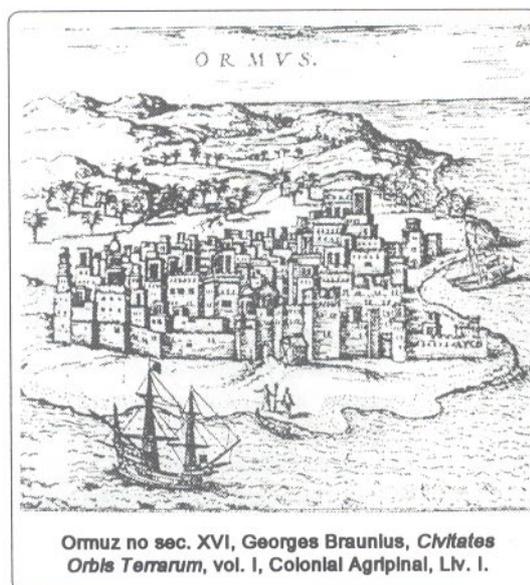
Mas não foi apenas a Radix Sinarum a nova planta medicinal que Amato adoptou e cuja utilização experimentou, aconselhou e difundiu pela Europa. No comentário da Cura LXXX da 2ª Centúria - “De uma rapariga que morreu por causa de uma disenteria mal curada” - indica-se uma nova planta proveniente da Índia e trazida pela primeira vez por um médico chamado Doutor Barbosa, que Amato diz ser “dotado de grande experiência”. Tratava-se do entrecasco de uma árvore chamada gargapau pelos indianos e remédio eficaz na cura da desinteria.

Não apenas as medicinas orientais mereceram a Amato a atenção, o estudo e a experimentação cuidadosas, que lhe permitiram entrelaçar métodos de cura, e estabelecer analogias entre a flora portuguesa e essas exóticas plantas trazidas de além mar.

Na Cura XCV da 2ª Centúria, - “Do cuidado a haver no tratamento do Pano, ou tumor inguinal e o

que é o Pau-de-Guaiaco, que entre nós nasce com o nome de buxo” - ao descrever a cura de Ludovico de Bolonha, comissário extra-urbano de Roma, afama Amato ter dado ao doente o decocto do buxo do nosso país preparado da mesma forma que o guaiaco, esclarecendo que: «O pau guaiaco trazido das ilhas recentemente descobertas - as Antilhas - é o mesmo que os europeus chamam de buxo, como se torna evidente a quem o verificar».

No comentário da IV Cura da 3ª Centúria - “De chagas contraídas pelo morbo-gálico e de sintomas originados por beber vinho tinto durante a aplicação do unguento de azougue vivo” - as referências acerca do pau guaiaco adquirem importância numa perspectiva geográfica. Reafirma Amato ser o pau buxo, abundante e de uso generalizado na Europa, exactamente igual ao pau guaiaco que “há anos começou a ser importado do Perú e das ilhas recentemente descobertas”. Ao estabelecer as diferenças de propriedades entre as duas plantas (a moderação da temperatura do buxo europeu relativamente à maior espessura e maior temperatura do pau guaiaco, o que implicava a utilização de um ou de outro consoante o tipo de doente e os resultados obtidos), escreveu Amato: “Estas árvores não diferem entre si, senão por causa do terreno (solo) diverso”. É a antecipação daquele modo de olhar o mundo, de observar o mundo, de observar os elementos que existem num dado espaço geográfico, buscando conexões e elos com outros elementos que com eles coexistem nesse mesmo espaço: perspectiva de olhar que, séculos mais tarde,



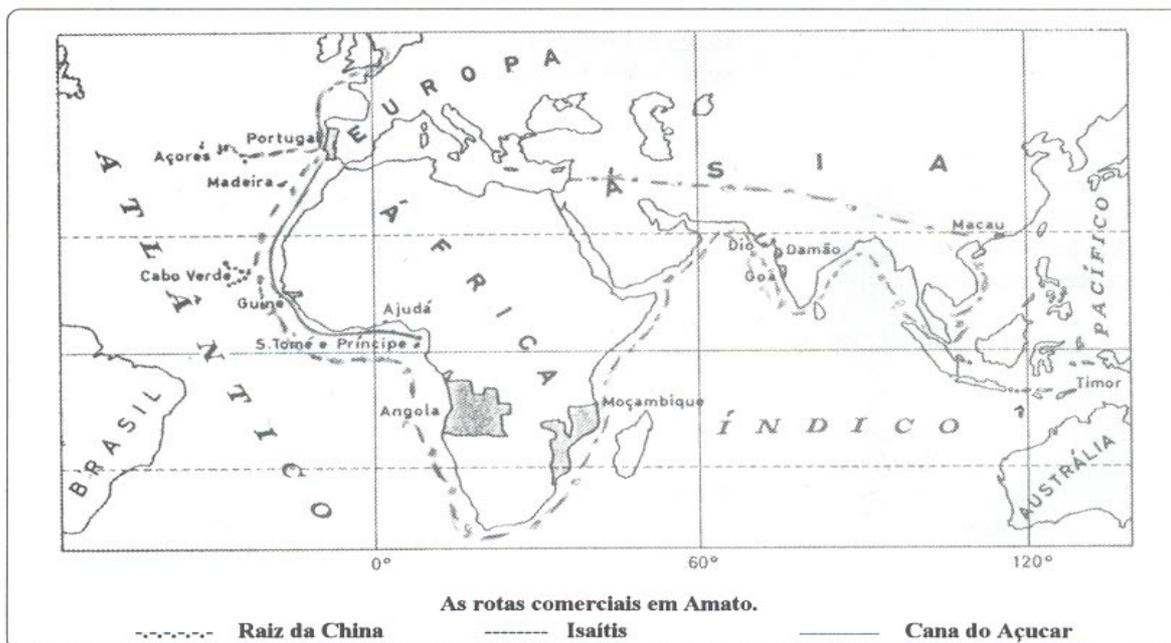
se chamou princípio da causalidade, princípio que Alexandre von Humboldt sistematicamente praticou e que contribuiu para tornar a Geografia, em princípios do século XIX, numa ciência bem diversa das ciências físicas e biológicas.

A variedade extrema de tantas plantas nunca imaginadas conduzirá à fundação, nessa Europa abalada pela novidade, de muitos Jardins Botânicos

Curiosa é, sem dúvida, a posição de Amato relativamente à identidade entre o pau guaiaco do Perú e das Antilhas e o buxo europeu, expressa nos comentários à Cura LXXX da 6ª Centúria - "De vertigem, que os gregos chamam scótoma".

séculos para que o Evolucionismo nascesse...

Seriam dúvidas alicerçadas em razões que repudiavam a aceitação da igual identidade de duas plantas embora com aspectos diferentes provenientes de pontos tão distantes do espaço



Esclarece Amato ter fundamentado a sua opinião, relativamente à identidade das duas plantas, na opinião defendida pelos povos hispânicos. "E nós nestas Centúrias temos seguido tais pessoas". De facto, tanto na Cura XCV da 2ª Centúria, a que já fizemos referência - "Do cuidado a haver no tratamento do *pano*, ou tumor inguinal e o que é o Pau de Guaiaco que entre nós nasce com o nome de Buxo"-, como nos comentários da IV Cura da 3ª Centúria, a posição de Amato é clara e explicitamente favorável em relação à igual identidade das duas plantas. Todavia, no comentário da Cura LXXX da 6ª Centúria a sua opinião é mais reticente. "Mas se houve erro, deve ser imputado, não a mim, mas aos autores hispânicos" - escreveu, acrescentando: "Com efeito, eu sei bem quanto difere o buxo europeu da árvore guaiaca, nas folhas e nos frutos, e no restante. Os hispânicos a quem expusémos a diferença entre uma e outra, respondem que nós declaramos a verdade, mas no entanto não desistem da sua opinião, quando dizem que elas (árvores) diferem apenas na razão do solo e que pelo clima crescem mais alto que na Europa".

Que circunstâncias teriam levado Amato a tecer estas considerações?

Explicar a diversidade entre as plantas pela desigual qualidade dos solos e dos climas correspondia a uma atitude revolucionária no séc XVI. Teríamos de aguardar ainda a passagem de muitos

geográfico?

Mas outra hipótese pode avançar-se: a crítica à opinião de Amato dever-se a alguém com conhecimentos mais precisos de Botânica Sistemática. Na realidade, a abertura ao mundo mostrou aos olhos da Europa a sua imensa e impensada diversidade. A variedade extrema de tantas plantas nunca imaginadas conduzirá à fundação, nessa Europa abalada pela novidade, de muitos Jardins Botânicos. Em Itália, onde Amato viveu de 1541 a 1555, foram criados jardins em Pádua (1545), Pisa (1547); em França: Bolonha (1567) e Montpellier (1587). Juntamente com o interesse pela novidade, a criação de Jardins Botânicos obedecia a uma finalidade muito pragmática: o estudo e a observação cuidada das propriedades dessas novas plantas com o objectivo de uma sua futura utilização terapêutica. Herdada da Antiguidade a fitoterapêutica conheceu no séc. XVI um extraordinário impulso, tornando os médicos entusiastas botânicos. A prová-lo, o caso de André Cesalpino - médico, professor da Universidade de Piza e director do Jardim Botânico aí criado. A ele se deve a descoberta do sexo nos órgãos das flores.

A obra de Dioscórides que desde o século 1 da nossa Era tinha constituído o guia da Medicina fitoterapêutica, foi nesse século XVI largamente anotada e comentada. Amato foi um dos seus comentadores, e os pertinentes comentários e

Mas outro produto comercializado proveniente das Ilhas Atlânticas mereceu também a atenção de Amato; o pastel ou erva dos tintureiros

anotações que fez a essa obra contribuíram largamente para um melhor conhecimento das virtudes terapêuticas de algumas espécies nela referidas. No entanto, esses comentários de Amato revelaram também divergências em relação à opinião e aos comentários expressos pelo médico italiano Pedro André Mattioli, considerado na época um dos comentadores mais sábios de Dioscórides. Os erros que Amato lhe apontou transformaram Mattioli num inimigo rancoroso e implacável de Amato. Teria sido este médico o autor das críticas a Amato que certas passagens desta Cura deixam transparecer?

De salientar que, na realidade, o Buxo e o Pau Guaiaco não pertencem nem à mesma Família nem à mesma Ordem. O Buxo é da família das Buxáceas, ordem Euforbiais; o Pau guaiaco da família das Zigofiláceas, ordem geraniais. No entanto, pertencem à mesma sub-classe a das Rosidal... Residirá nesta pertença à mesma sub-classe, neste elo que as une, a justificação do facto constatado por Amato que em jeito justificativo da posição favorável à identidade das duas plantas, apresentou deste modo: "Seja como fôr, nós fizemos a experiência de que ambas as árvores têm iguais capacidades energéticas" - dando por encerrado o assunto.

Na verdade, mais do que razões de sistematização, o que interessava, na perspectiva de um médico, eram indubitavelmente as capacidades curativas de uma planta.

Ainda um outro exemplo da receptividade de Amato às medicinas vindas de lugares distantes. Na Cura L da 6ª Centúria - "De uma mulher que abortou no tempo certo de gestação e do seu tratamento" - o tratamento que prescreveu a uma mulher que sistematicamente abortava ao 3º mês de gestação refere ter utilizado, com bons resultados, um bálsamo trazido da região do Peru. Descreve-o pormenorizadamente para que o reconheçam e o distingam do bálsamo de Hiericonte ou de uma região de Mênfis: "óleo espesso, com uma côr um tanto enegrecida com certa vermelhidão"; "viscoso no tacto"; e cheiro semelhante "ao do rosmaninho liquefeito misturado com almíscar"( ...) e de "sabor picante", e termina aconselhando farmacêuticos e perfumistas ao uso deste bálsamo do Perú para as receitas em que costumassem utilizar o de Hiericonte ou o de Mênfis. Que melhor exemplo do que o desta passagem para ilustrar a abertura de Amato às novidades do novo Mundo descoberto? No entanto, numa passagem da Cura LXXXIII da 3ª Centúria - "Da febre maligna com sintomas"- a receptividade à inovação e à experimentação de novos métodos de cura ressalta ainda mais acentuadamente. Trata esta Cura de um estranho caso acontecido a uma jovem mulher de 26 anos que foi atacada por "febre contínua do género maligno", depois do desaparecimento súbito da menstruação quando, conta Amato, contra

vontade se propunha ir ao encontro do seu marido. Corria o ano de 1552, e a todos os indivíduos atacados de febre, nesse mesmo ano, apareceram à volta da garganta "chagas de feio aspecto". A jovem não escapou a esta regra... Descrevendo a evolução da doença e as manifestações que sucessivamente foram surgindo, escreveu Amato: "Atacavam esta mulher tais sintomas que dizia em voz alta que lhe tinham dado veneno a beber. Por isso logo a seguir demos-lhe raspas de chifre do animal chamado unicornes em água acetosa, assim como pedra bésar, extraída da barriga de uma cabra da Índia, que os príncipes indianos e todos os nossos portugueses têm por melhor dos antídotos".

### O Europocentrismo de Amato...

Porém, apesar desta abertura de espírito às novidades desse novo mundo, perpassa nos comentários de Amato um marcado europocentrismo. Na mesma Cura-XXXI da 2ª Centúria, Amato, bem ao gosto dum europeu ocidental, não se escusa de enaltecer a velha Europa.

Ao dirigir-se a Vicente de Nobilis, governador de Ancona e sobrinho materno do Papa Júlio II a quem esta cura é oferecida, afirma Amato que as novas doenças que cada dia surgem "causadoras de vários males aos homens... "também por vontade de Deus se descobrem os remédios para as debelar "trazidos dos confins da orbe para a Europa, a rainha das partes do mundo".

### Amato - as Leis de mercado e as rotas comerciais do mundo do seu tempo...

Considerações acerca das complexas leis de mercado nessa Europa mercantil do século XVI, as implicações do aumento da oferta no abaixamento do preço dos produtos num mercado mais amplo e heterogéneo, não passaram despercebidas a este médico atento à realidade dum mundo em rápida mutação como era o do seu tempo. Passagens da Cura XXXI da 2ª Centúria deixam perpassar esta realidade. Ao tentar explicar as razões da exígua quantidade de raiz da China (apenas uma onça) para grande quantidade de água (dosagem normalmente utilizada pelos europeus na preparação do decocto), pensa Amato dever-se ela ao elevado preço que, a princípio, a raiz atingia na Europa.

Este processo de preparação do qual resultava um decocto extremamente diluído mereceu, segundo Amato, comentários mordazes a Jacob da Olanda, um português que, tendo vivido algum tempo na Índia e na China, aprendeu a preparar o decocto à maneira chinesa e indiana, isto é, utilizando no cozimento não uma, mas duas ou três onças da Raiz. E conclui Amato: «com a abundância e importação

dela é fácil, poder acrescentar-se a quantidade, visto *comprar-se a preço mais baixo*».

Apesar do baixo preço da raiz comercializada em Portugal, depois da abertura das rotas marítimas com o Oriente, adverte Amato ser ela “sempre velha e corrosiva e para as circunstâncias fraca e suave em virtude de em parte ter perdido as suas forças”. Explica Amato as razões dessa perda de qualidades: “pela humidade do mar” na longa viagem por navios “através do mar durante 7 ou 8 meses seguidos, mesmo com ventos favoráveis”. Longa e morosa era esta rota marítima desde a longínqua China até Portugal...

Um outro esclarecimento não se escusa Amato de prestar: de que a raiz chegava a Itália, por terras da Turquia e em caravanas se poder “comparar aos remédios únicos” por ser “mais perfeita muito pesada e sucosa”. E neste esclarecimento se evidencia em toda a plenitude da sua competitividade as duas grandes rotas comerciais paralelas: a terrestre e a marítima, que no século XVI ligavam o Ocidente e o Oriente, unindo pontos distantes do espaço geográfico, veiculando mercadorias, ideias, formas de pensar e de estar no mundo e na vida, permutando saberes, saberes que neste caso concreto minimizassem uma das eternas inquietações do homem: a luta contra a doença e a Morte.

Noutros pontos e noutras Centúrias a atenção de Amato sobre as rotas de comercialização surge, de igual modo, de forma evidente. Na 3ª Centúria nos comentários à Cura XIII - “De alguns que vieram de Portugal a Roma e adoeceram” - Amato dá notícia da rota do açúcar das Ilhas Atlânticas. Ao referir-se à Ilha de S. Tomé e Príncipe, afirma ser ela “muito frequentada pelos nossos portugueses, que dela trazem açúcar para Portugal, donde depois é levado para vários pontos do mundo”.

Mas outro produto comercializado proveniente das Ilhas Atlânticas mereceu também a atenção de Amato: o pastel ou erva dos tintureiros. Na Cura XVII da 3ª Centúria - “De uma criança continuamente febril e caída depois em varíola” -, ao relatar a cura dum menino de 16 meses atacado de varíola, diz ser ele filho “daquele que levou das ilhas de Portugal para a Inglaterra duas naus carregadas de isátis”.

A isátis, planta crucífera de grande utilização na tinturaria da época, fez parte com o trigo, a vinha e a cana do açúcar do leque de plantas que os

portugueses utilizaram nas primeiras experiências agrícolas que se fizeram nas ilhas, com vista à exportação para os mercados do Mediterrâneo e do Norte da Europa. Depreende-se das palavras de Amato nesta Cura, que na época em que ele a escreveu o comércio da isátis deveria ser controlado por portugueses. Mas anos depois a comercialização deste, como a de outros produtos agrícolas insulares escaparia das mãos dos portugueses. Maria Olímpia Gil, historiadora e especialista em economia açoreana dos séculos XVI e XVII, analisando o

movimento de entrada e saída dos barcos do porto de Ponta Delgada no período balizado entre 1620 a 1669, concluiu que os ingleses tinham “o controlo quase completo” desse produto. E considera ser exemplar aquilo a que chama “ciclo do pastel” para demonstrar a dependência da produção agrícola insular dos interesses das

regiões desenvolvidas do ocidente europeu para onde era escoada.

#### **Amato e a mais importante questão geográfica do mundo do seu tempo: Onde?**

Não só alusões a rotas comerciais perpassam nas Centúrias. Uma outra preocupação comum aos homens do século XVI relativamente ao espaço geográfico: a da localização precisa dos lugares nesse mundo cada vez mais vasto e alargado, é nelas tratada com a mesma evidência.

Quando, no comentário à Cura XVIII da 3ª Centúria, Amato adverte os médicos da Europa a não seguirem as indicações de Avicena no respeitante ao emprego de lentilhas no tratamento da varíola e do sarampo, refere-se a Baçurá, local onde Avicena escreveu as suas obras. E, com precisão, diz localizar-se esta cidade “entre Alepo, cidade célebre e a chamada ilha de Ormuz em que os nossos portugueses exercem frequente comércio”. Curioso é o modo como Amato faz esta localização geográfica. As referências espaciais em que assenta são duas cidades bem conhecidas dessa Europa mercantil do século XVI: Olepo, terminus da rota terrestre, através do deserto, que ligava o Golfo Pérsico ao Mediterrâneo; Ormuz, importante entreposto comercial do Golfo Pérsico que em 1554 mereceu a António Herédia a seguinte descrição: “( ...) é esta cidade huma das de maior trato que há no mundo”, “à qual concorrem todo o

**Considerações acerca das complexas leis de mercado nessa Europa mercantil do século XVI, as implicações do aumento da oferta no abaixamento do preço dos produtos num mercado mais amplo e heterogéneo não passaram despercebidas a este médico atento à realidade dum mundo em rápida mutação como era o do seu tempo**

De evidenciar um outro aspecto marcadamente revelador da atitude de Amato como homem bem mergulhado na sua época: o enaltecimento do valor da observação directa e da experiência a “madre de todas as coisas” na expressão de Duarte Pacheco Pereira



ponto que se duvidava ser essa doença veia, ou nervo ou lombriga, afirma Amato: “ Quanto a mim como testemunha ocular mais de acreditar que muitas coisas ouvidas, atesto que tal doença se apresenta como lombriga, esbranquiçada, fina...”.

A faceta da luta entre Antigos e Modernos, marca tão característica do Renascimento, perpassa de igual modo de forma marcada nas Centúrias. Uma passagem dos comentários da Cura XIII da 3ª Centúria é prova evidente deste aspecto.

Depois de uma longa exposição das ideias de Hipócrates sobre a correspondência entre os temperamentos

das pessoas e a natureza dos sítios que habitam, Amato relata pormenorizadamente a divisão da Terra segundo os “sete climas” à maneira grega, para esclarecer no fim: “o que dissemos clara-

mente sobre os sete climas gostaria que o entendesseis como dito a partir das teorias estabelecidas pelos Antigos”. E acentua não tratar o seu “arrazoado” (esta é a palavra que emprega) das outras “cinco secções ou climas, há pouco criadas pelos neotéricos que se estendem da linha equinocial até ao meio dia, onde, segundo sabemos de pessoas fidedignas, se encontrariam regiões bastante temperadas e homens de longa vida”.

É a refutação, claramente expressa, das ideias aristotélicas acerca da inabitabilidade da zona tórrida e das regiões para sul do equador. Amato termina as suas considerações citando Ovídio e Vergílio acerca da impossibilidade da vida nas regiões do Equador e nas de grande latitude, para concluir deste modo: “Contudo os nossos portugueses fazem o comércio na zona equatorial e vivem como os Lapões sob a zona polar, para que concluamos ser falso o que foi dito pelas ditas pessoas, aliás sabedoras”.

### Amato e o Espaço vivido português...

Embora em pequeno número, as descrições e as referências a terras e paisagens portuguesas surgem, no entanto, ricas em pormenores informativos e reveladores, alguns, de outras dimensões da multifacetada personalidade de João Rodrigues de Castelo Branco.

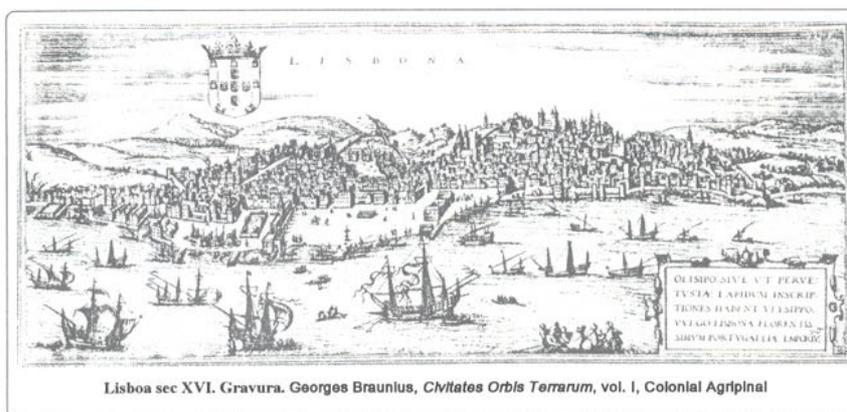
Coimbra apenas mereceu a Amato a simples classificação de “cidade ilustre de Portugal”,

referência marginal, quando na Cura XXXIX da 2ª Centúria - “De uma rapariga que passou a varão” - Amato conta o insólito caso duma rapariga fidalga da freguesia de Esgueira, povoação situada a 9 léguas de Coimbra, que chegada à puberdade teria mudado de sexo. “ Vestiu fato de homem, baptizou-se com o nome de Manoel, foi à Índia onde fez fortuna e se tornou famoso”- conta Amato. A Cura XIII da 3ª Centúria é, porém, aquela onde um maior número de povoações e paisagens mereceram a Amato uma evocação detalhada. Lisboa, Castelo Branco e Guarda surgem nessa cura não apenas

(como acontece com Coimbra) marginalmente referenciadas, mas descritas com um certo pormenor: ou as particularidades do seu clima, ou as características das suas áreas envolventes.

De todos

estes lugares Lisboa mereceu a Amato uma mais detalhada descrição. A sua situação na parte mais ocidental da Hispânia, o largo estuário do Tejo banhando as suas praças (Tejo que Amato chama, à maneira clássica, de Mar Oceano), a sua área envolvente de campos, jardins, vinhas e pomares férteis e agradáveis, a moderação da temperatura sem oscilações bruscas, a ausência de neve e de ventos frios e agrestes, a “suave brisa do mar que a envolve propiciadora de tudo”, como a classifica Amato citando Homero e Hesíodo, constituem pormenores que regista para justificar a salubridade dos ares de Lisboa, “a mais ilustre cidade da Hispânia ocidental” -, escreveu. No entanto, é na comparação que, na mesma Cura, faz das condições climáticas entre Castelo Branco e a Guarda que ressaltam certos aspectos de grande interesse numa perspectiva geográfica. Salienta Amato a amenidade do clima de Castelo Branco. Adivinha-se uma ponta de orgulho que traduz uma ligação afectiva profunda por Castelo Branco no modo como a esta localidade se refere chamando-lhe “minha amada pátria”; e no tom com que salienta ter merecido esta terra uma “referência de Ptolomeu, o grande geógrafo da Antiguidade, reconhecido, nesse século XVI, a máxima autoridade da Geografia do mundo clássico. Talvez recordando a doçura dos outonos dourados de Castelo Branco, compara esta terra à Guarda de tão baixas temperaturas sempre” tão fria - afirma - que até as pessoas o sentem no pino do verão”.



Lisboa sec XVI. Gravura. Georges Braunius, *Civitates Orbis Terrarum*, vol. I, Colonial Agrípnal

Na explicação destas marcadas diferenças climáticas entre as duas povoações ressalta um profundo interesse dum ponto de vista geográfico. Acentua Amato a proximidade das duas localidades e a sua situação no mesmo “clima” - e a palavra clima é aqui empregue com o sentido que possuía na Antiguidade: o de um espaço de Terra compreendido entre dois paralelos -, para, com propriedade e certeza, concluir serem as diferenças sentidas consequência da grande altitude da Guarda e da sua ampla exposição aos ventos frios que sopram da nevada serra da Estrela. Esta indicação das características topológicas dum sítio neste caso (altitude e exposição aos ventos) como factores condicionantes das particularidades do seu clima, que revelam uma importante agudeza de observação e um espírito reflexivo capaz do estabelecimento de conexões entre factos que transcendem o campo da sua especialidade.

A Santarém e Almeirim se alude na Cura LXX da IV Centúria - Nessa Cura, Amato tenta explicar como é que um dado remédio bebido e quase imediatamente logo expulso pode, mesmo assim, surtir o efeito desejado. Ao tentar dar resposta a este facto, recorda uma situação por si vivida quando era jovem, “há mais de 20 anos e tal” - escreveu -, em Santarém no convento de S. Domingos do Alto. Toda a corte portuguesa se encontrava então em Santarém, conta Amato, pois nesse ano D. João III estava a residir em Almeirim em virtude do terramoto ocorrido anos atrás na área de Lisboa. Mas é Santarém que Amato recorda e descreve mais elogiosamente. “Cidade portuguesa notável, capaz de ser comparada com qualquer cidade opulenta” Na verdade Santarém era na época uma cidade esplendorosa e Amato não escapa ao seu fascínio. Mas não apenas a cidade, mas também os férteis campos “regados pelo aurífero Tejo”, mereceram à distância de 20 anos, a recordação de Amato, que cita integralmente a passagem do livro VIII da *História Natural* de Plínio acerca da estranha particularidade dos velozes cavalos da Lusitânia - a sua curta vida - que nasciam nos campos do Tejo, fruto dos amores de éguas com Zéfiro ou Favónius, o vento do Oeste... Do impressionante número de citações dos clássicos gregos, latinos e muçulmanos, todas, com exclusão desta, se relacionam com assuntos de Medicina. Porque teria Amato feito esta citação na íntegra? Como nota para relevar o reconhecimento da Antiguidade da beleza dos cavalos das lezírias do Tejo da sua pátria distante? Ou, em espírito tão positivo como o de Amato, a referência a este mito da Lusitânia pré-romana, conservado através das fontes literárias greco-latinas, e que se insere numa teoria mitológica filosófica e científica sobre a geração animal e vegetal não traduzirá meditação de Amato sobre as origens da Vida?

## Amato e o amor à Filosofia...

Um pormenor da Cura XCVIII da 7ª Centúria - “De uma terçã que atacava a boca do estômago com abundante humor quase sempre mortal chamado por Avicena febre Sincopal Humorosa” penso merecer um certo realce pelo que traduz duma outra faceta de Amato, o seu amor à Filosofia. Trata essa cura da doença e morte do jovem de 27 anos chamado Judas Abarbanel. Diz Amato ser Judas neto “daquele ilustre Judas, ou Leão Hebreu filósofo platónico que escreveu - são palavras de Amato - os divinos Diálogos de Amor”. O jovem não resistiu à doença (“uma terçã epidémica”) e Amato lamenta duplamente a sua morte, pois este jovem estava na posse de um extenso livro de Filosofia cujo título era *De Coeli Harmonia* que Leão Hebreu tinha deixado inédito. Amato confessa ter lido e folheado muitas vezes esse livro que classifica de “obra de muita doutrina”, exposta à maneira escolástica na qual Leão Hebreu teria incluído “suficientemente quanto era de valor em Filosofia”. Era intenção de Amato juntamente com o neto, “editá-lo em breve”. *De Coeli Harmonia* nunca chegou a imprimir-se e dele só resta a apreciação de Amato nesta Cura.

Nestas terceiras jornadas, dedicadas a Amato, ao Amor e à Morte, aqui na cidade de Castelo Branco, a que Amato chamou sua “amada pátria” é com palavras do grande médico retiradas da Cura XLIV da 3ª Centúria que vou terminar: “Somos mortais e tornamo-nos semelhantes aos maiores filósofos quando nos dermos, entre nós, à observação especial da morte e das suas causas, visto que o mais alto grau da sabedoria é a meditação sobre a morte. Discorrer sobre ela leva os homens a temer a Deus e lembra-lhes a benevolência para com os mortais”.

Salienta Amato a amenidade do clima de Castelo Branco, adivinha-se uma ponta de orgulho que traduz uma ligação afectiva profunda por Castelo Branco no modo como a esta localidade se refere chamando-lhe “minha amada pátria”

## Notas...

1) Referência a André Vessálio, célebre anatomista.

A ele se deve a publicação dum opúsculo sobre as propriedades da Raiz da China intitulado *De Radice Cynarum*. Segundo Amato, André Vessálio não teria descrito neste opúsculo a totalidade das propriedades da *Radix Sinarum*.

2) Maria Olímpia da Rocha Gil, *O Arquipélago dos Açores no século XVII*, Castelo Branco, 1979, pp. 320-321.

3) António Herédia, *Documenta Indica*, T. III, pp. 103-4. Transcrito de Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, vol. I, Lisboa,

1971, p. 286.

4) “É fama que na Lusitânia, à volta de Lisboa e do rio Tejo, as éguas voltadas para o vento que sopra, concebiam um ser vivo (animal). Depois dava-se o parto e nascia um ser muito veloz, a ponto de não exceder um triênio de vida. Transcrição feita por Amato, de Plínio, livro 8º de *História Natural*; Cap. XLII.

5) Teoria mítica da Grécia Arcaica, a crença de que o vento era um elemento fecundador das éguas, aves e plantas, difundiu-se através dos tempos. Na *Ilíada* os cavalos de Aquiles: Janto e Balio foram engendrados pela união entre a harpia Podarge e o vento Zéfiro. Aristóteles, na *Hist. Anim.* VI, 18, faz referência não apenas à crença do papel fecundador do vento sobre as éguas como dos efeitos da

sexualidade dos cavalos sobre os homens. Segundo Aristóteles, uma substância chamada *hippomânes*, que se encontra na carne e nos órgãos genitais dos potros recém-nascidos, era um dos principais ingredientes usados pelas bruxas na confecção de filtros amorosos que enlouqueciam os homens, levando-os a unirem-se a mulheres velhas ou a jovens feias e repelentes.

6) Leão Hebreu, natural de Lisboa, filho do conselheiro de D. Afonso V, Isaac Abravanel, foi médico e sobretudo filósofo de nomeada.

Os *Diálogos de Amor*, publicados em Roma em 1535, exerceram profunda influência nos poetas e místicos do século XVI. *De Coeli Harmonia* não chegou a imprimir-se e dele só resta a apreciação de Amato nesta Cura.

## ALGUMAS PLANTAS AROMÁTICAS USADAS POR AMATO LUSITANO

por A. M. Lopes Dias

### A. A Botânica da Beira Meridional

Das Plantas Aromáticas e Terapêuticas mais empregues por Amato Lusitano, vamos citar algumas:

**(1) Cebola Albarrã.** Composta de diversos glucosidos formando um complexo denominado Cilareno. De nome latino [*Urginea maritima* (L.) Baker].

Aplicações das escamas médias do bolbo têm fortes propriedades diuréticas e tonicardíacas. O seu emprego é pouco aconselhável pela toxicidade que apresenta. O vinagre de cila também é aplicado em fricções através de tinturas. Na agricultura usa-se como raticida, sobretudo a var. *purpurecens*. É mediterrânica e dá-se bem na pátria de Amato.

**(6) Coentro.** (*Coriandrum sativum* L.) O óleo essencial é o linalol direito ou coriandrol. Usa-se pela sua acção estomáquica. É muito usado como condimento. Aproveitam-se as folhas que são apanhadas em qualquer altura e as sementes no fim do Verão.

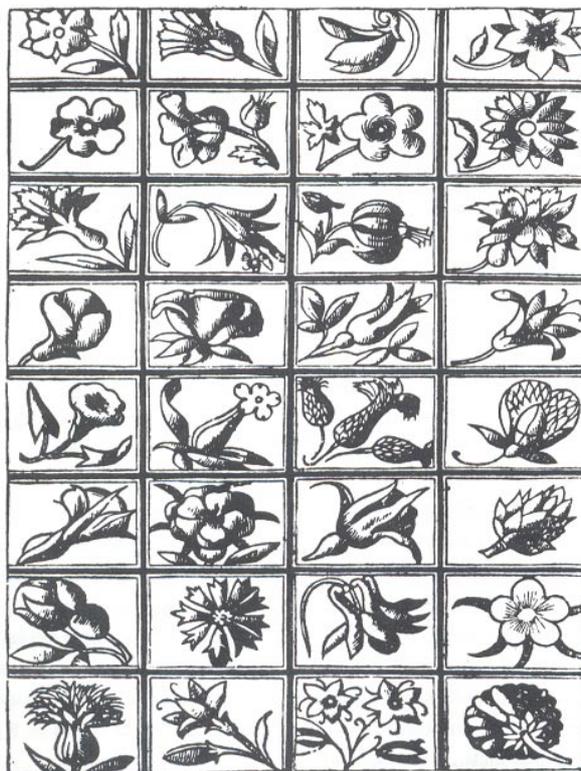
**(7) (10) (11) Almeirão** (*Cichorium intybus* L.) Erva vivaz que contém os seguintes componentes activos a cieorina, a inulina, açúcares, sais potássicos, sódicos e magnesianos. As raízes servem de tónico, depurativas e como aperitivos; as folhas têm propriedades semelhantes. Actualmente a chicória do café é usada na lotagem do café.

**(7) (12) Parietária** (*Parietária officinalis* L.) A alfavaca de cobra é vivaz e a mais usada é a sub-

-espécie ramiflora (Moench.)

Aschrs. As folhas revelam a presença de nitratos alcalinos, nomeadamente de potássio e mucilagens. Tem propriedades diuréticas, naturalmente devidas aos seu conteúdo de nitratos alcalinos. As folhas colhem-se de Maio a Junho. Empregam-se frescas ou secas.

**(7) (10) (12) Violas.** (*Viola odorata* L.) Erva vivaz que contém a violina, ácido salicílico, alcabide. É empregado como peitoral, expectorante. A violina é abundante na raiz e nas sementes. Na Primavera colhem-se as flores que podem servir para deleite e depois de secas podem servir para fins terapêuticos.



**(8) Alcaçuz** (*Glycyrrhiza glabra* L.) Leguminosa, erva vivaz que por vezes atinge um metro de altura. O rizoma de alcaçuz ("raiz de alcaçuz") possui muitos princípios activos, entre eles, o ácido glicirrísico (5 a 7%), tanino, asparagina, açúcares e amido. É usado como expectorante e emoliente.

**(8) Giesta** (*Cytisus scoparius* L. Link) Esta leguminosa, forma um arbusto a giesteira das vassouras. Tem alcabides sendo o principal a esparteina mas contém também a sarotamnina e a genistina. Tem uma flavina a esco parina e um glucosido (escopariosido). Nas flores existe a resina e uma essência. Sob a forma de chá ou de cozimentos usam as

flores como diuréticos e purgativos em medicina popular.

A esparteína é usada na medicina como estimulante do sistema nevosso central e periférico depois do seu aproveitamento pela indústria químico-farmacêutica.

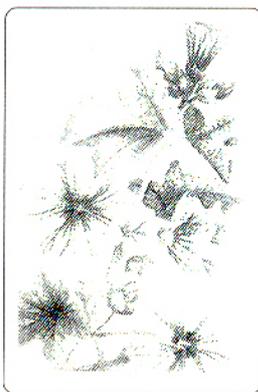
**(9) (12) (14) (16) (17) Rosas Rubras** (*Rosa gallica L.*) É uma rosácea sub-espontânea na Beira Meridional. As pétalas possuem tanino, ácido gálico, quercitina e um óleo essencial. A cor das pétalas é devida a um glucosido, a cianina. Emprega-se como adstringente, agradável para gargarejos e loções e em farmácia emprega-se para fazer o mel rosado. Os botões florais são apanhados nos meses de Maio e Junho.

**(10) (11) Ruibardo** (*Rheum plamatum L.*)

É uma poligonácea vivaz, pertence ao grupo químico das oximetilantraquinonas como nos aloés, como a cáscara sagrada e o sene muitas vezes empregues por Amato Lusitano. A planta contém-os sob a forma de antraglicosidos ou no estado livre sendo o principal o ácido crisofanico e as emodinas. Usa-se como purgante moderado e hoje em dia em misturas de certos aperitivos, do tipo vermute.

**(12) (15) (20) Camomila** (*Matricaria chamomilla L.*) Erva anual composta aromática, conhecida pela Morgaça das boticas ou Matricária. Tem propriedades anti-espasmódicas, tónico, estomacal e emenagogo; a sua efusão usa-se para conservar os cabelos loiros.

Tem princípios amargos, resina e taninos e um óleo essencial. As flores para serem usadas têm de ser bem secas.



**(12) Malva** (*Malva silvestris L.*) É uma erva anual bienal ou vivaz que contém mucilagens e tanino. É um calmante, peitoral e emoliente. Serve para fazer infusões.

**(14) Murta** (*Myrtus communis L.*) Arbusto ou pequena árvore pertencendo às mirtáceas (família).

Tem uma essência nas folhas que se extrai por destilação a vapor, solúvel no álcool, tem como principais componentes, o difeuteno e o mirtenol. As folhas têm uma essência com propriedades antissépticas notáveis. Usa-se, actualmente, em perfumaria.

**(14) Esteva** (*Cistus ladaniferus L.*) Pertencendo à família das cistáceas, como arbusto erecto, muito

viscoso, por vezes, até cerca de 2 metros de estatura. Entre nós é muitíssimo frequente nas nossas charnecas e pinhais em larguíssimos milhares de hectares.

A parte mais interessante, o lábdano, óleo resina castanho-esverdeada, viscoso, encontra-se nas partes mais ricas da planta, as folhas e os ramos superiores (3 a 6%). É extraído pela acção da água

em ebulição ou pelo álcool.

É uma planta própria dos terrenos pobres; dada a sua abundância em pene-planície e entre nós, não carece de ser cultivada. É espontânea na maior parte dos solos florestais da Beira Baixa, com excepção dos cimos da Serra da

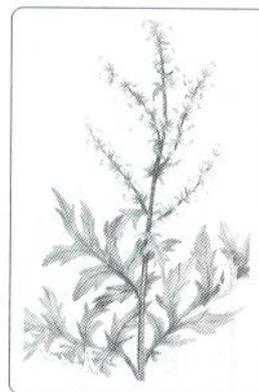
Estrela.

Amato Lusitano empregava o óleo como unguento.

**(14) Erva-Moura** (*Solanum nigrum L.*) Da família solanáceas, a que pertence a batateira, esta é uma erva erecta, cujo fruto tem propriedades narcóticas, sedativas e emolientes. Das folhas fazem-se unguentos. São os materiais colhidos no Verão, folhas e bagos.

**(15) Funcho** (*Foeniculum vulgare, Miller*) É uma umbelífera como o coentro, a cicuta, o aipo, a salsa e o anis e o endro a que João Rodrigues chamava endrão e aromática vivaz, cujo constituinte principal o anetol essência de (2,5 a 5%) que contém mais de 50%; este álcool é acompanhado por fenona a que se atribuem hoje as propriedades da droga além de diversos terpenos. A essência é obtida a fogo directo a partir das sementes ou por arrastamento a vapor. É usado como tónico e vermífuga. Actualmente usa-se na preparação de licores. Os aquénios ficam maduros nos fins do Verão.

**(15) Poejo** (*Mentha pulegium L.*) É da família das labiadas a que pertencem o alecrim, a alfazema, o rosmaninho, a salsa, o oregão, o tomilho e a hortelã-pimenta. Vivaz de quem se aproveitam as sumidades floridas em Julho. É rica numa acetona, a pulegona que existe na proporção de 80% com uma presença de essência de (0,5 a 0,7). É tomado



como tónico, disgestivo e emenagogo. Aparece nos sítios húmidos. Utiliza-se actualmente, em cozinha, como condimento.

**(15) Artemísia** (*Artemisia absinthium L.*) ou Absinto é uma herbácea vivaz e como a camomila pertence às Compostas. É rica numa essência que possui a tuiona e os seus esteres além de diversos terpenos. Também possui um princípio amargo a absintina, resina e diversos ácidos orgânicos. Usa-se como vermífuga e no tratamento das anorexias. É um emenagogo perigoso. Hoje em dia é mais usado em licorística, mas como sabem o seu uso prolongado pode levar ao absintismo crónico devido às propriedades epileptizantes da essência. É proibido em certos países o seu uso, havendo dúvidas se outras essências e o próprio álcool que são empregues no fabrico de certas fórmulas de licores, têm bastantes responsabilidades nos efeitos tóxicos destas bebidas. Aproveitam-se nelas as sumidades floridas e as folhas que se cortam no Verão (após a floração) ou no Outono.

**(15) Salsa** (*Petroselinum sativum Hoffm.*) É uma erva bienal aromática, umbelífera, de folhas de contorno triangular, que é febrífuga nas febres intermitentes, em medicina popular. É muito procurada como planta condimentar e tem propriedades emenagogas que lhe empresta o apriol.

(NOTA: os números indicados antes das espécies, indicam curas na I Centúria de Curas Médicas, que podem servir de exemplos em Amato).

## B. Os Trabalhos do Botânico e a Flora desta região

Assim, esta ligeiríssima descrição da botânica de João Rodrigues de Castelo Branco não pode esconder um facto importantíssimo deste homem da Renascença: o seu conhecimento da flora da Península Ibérica e também da Europa, mas, sobretudo, o conhecimento directo, profundo, daquela que era a sua pátria chica.

Muitos dos nossos solos mais modestos têm milhares de hectares de estevas e giestas e, lado a lado, o rosmaninho e o alecrim e a perfumada alfazema assim como a menos odorosa cebola albarrã. Em lugares melhores estão largamente dissimuladas a viola branca e roxa tão diminutas e tão belas.

São quase todas mediterrânicas embora algumas atlânticas. Das mais comumente aproveitadas pelo

nosso médico da Renascença, são as rosas vermelhas, espontâneas entre nós, que eram aproveitadas nos seus tratamentos. A sua farmácia estava quase à porta de todos os doentes e não era preciso ir ao centro urbano aviar a receita na maior parte dos casos. Neste aspecto, durante séculos a modernidade não aproveitou a lição deste cientista. Temos de estudar muito as nossas plantas aromáticas e terapêuticas para as podermos aproveitar. Hoje estes estudos são mais fáceis com o potencial actual e muita juventude universitária, e não só, já iniciaram especializações com o aprofundamento dos conhecimentos para aplicações posteriores cada vez mais vastas. A lição de inteligência de Amato, príncipe da Renascença, cidadão do Mundo, que empregou com conhecimento de causa a botânica da (sua) região de Castelo Branco, serve de incentivo a muitos para o desenvolvimento do futuro.

Castelo Branco, Novembro 1990

## Bibliografia...

Coutinho, A. X. Pereira (1939). *Flora de Portugal*. 2ª Ed. Lisboa.

Galvão, J. Mira (1943). «Cultura da erva-doce». *Comp. Prod. Agríc.* n° 46

Perrot, E. (1934). *Plantes Médicinales de France*. Paris

\_\_\_\_\_ (1947). *La culture des Plantes Médicinales*. Paris

Vasconcellos, J. de C. (1949). *Botânica Agrícola*. Lisboa

\_\_\_\_\_ (1949) *Plantas Mediciniais e Aromáticas* D.G.S.A.

## A REALIDADE DA DOR NAS CURAS DE AMATO LUSITANO

Por António Lourenço Marques

Certamente que a dor é uma realidade tão velha como a idade da própria vida. Desde sempre, o homem se viu confrontado, em alturas diversas da sua existência, com esta experiência desagradável, sinal avisador de falha biológica, de doença, e muitas vezes premonitório da própria morte.

A origem da medicina, uma actividade "vital" da humanidade e portanto muito remota, confunde-se com os primeiros esboços de atitudes expurgatórias coincidentes com o alvor da consciência, e cuja finalidade era a erradicação da dor e do sofrimento. Essa luta contra a dor tem, não temos dúvidas, a idade da própria humanidade.

Mas foi, longamente, um combate inglório. De tal modo que, só em tempos muito recentes, se operou o êxito consistente das práticas terapêuticas, mais concretamente, a partir da descoberta da anestesia geral por Morton, há cento e quarenta e cinco anos.

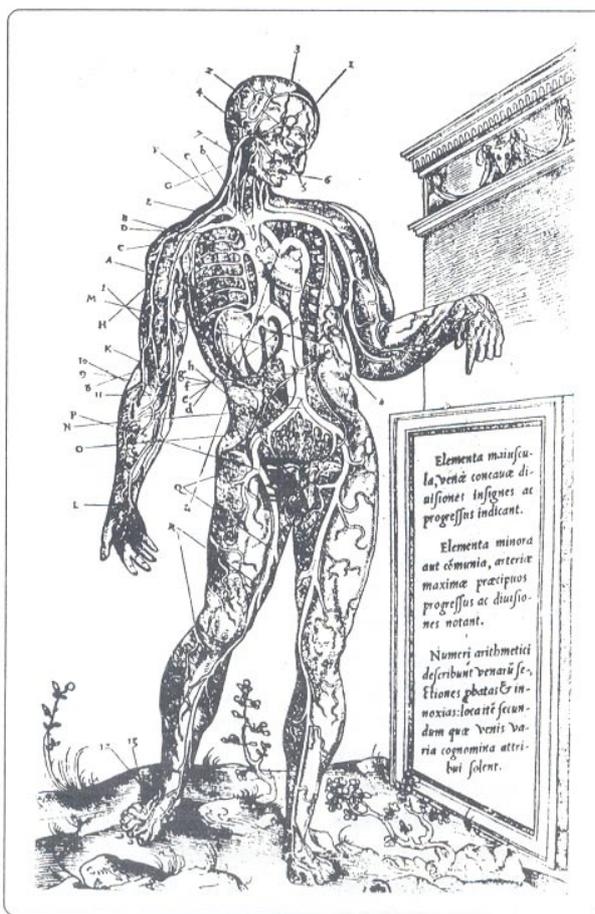
Que trajecto verificamos até então?

Aparentemente, foi um caminho cheio de inúmeras vicissitudes e por vezes um engenho admirável. Êxito, se o houve, deveu-se em boa medida à confiança. Reportamo-nos à história da terapêutica no Ocidente. Os gestos curativos iniciaram-se sob a influência da magia e da superstição, sendo depois marcados pelas influentes religiões. Transformaram-se assim em práticas religiosas e sacerdotais, sempre longe

da racionalidade. Só bastante mais tarde se orientaram no sentido do empirismo e do naturalismo (Hipócrates), enredando-se a seguir pelos terrenos fantásticos da alquimia e da astrologia.

Galeno sucedeu a Hipócrates e correspondeu a um desenvolvimento. Mas a Idade Média é um tempo muito longo, com práticas cristalizadas sob os efeitos de influências cristãs e sarracenas. À curiosidade da utilização das novas drogas e métodos que se descobriam, sobrepunha-se um estéril interesse pela exibição da argúcia mental, em reflexões e explicações labirínticas que nos deixam pasmados como puderam vigorar, com tanta convicção, nos espíritos mais notáveis.

Para alguns, esta "idade média" da terapêutica ultrapassou o próprio Renascimento e só terminou verdadeiramente com a Revolução Francesa (1789) e com o desenvolvimento decisivo de determinadas ciências afins - com Lavoisier (1743-1794) que fixou os princípios da química, com Berzelius (1779-1848) que iniciou a química orgânica, com Linneo (1707-1778) que ao classificar as plantas lançou os fundamentos da Botânica e com Brown-Séquard (1817-1894) que criou a doutrina das secreções internas. Foram estes os pilares seguros que permitiram a estrutura poderosa da terapêutica moderna.



A origem da medicina, uma actividade "vital" da humanidade e portanto muito remota, confunde-se com os primeiros esboços de atitudes expurgatórias coincidentes com o alvor da consciência, e cuja finalidade era a erradicação da dor e do sofrimento. Essa luta contra a dor tem, não temos dúvidas, a idade da própria humanidade.

### A Dor na rota da História

Neste percurso longo cujas características fundamentais delineámos, há conhecimentos que se foram formando e que perduraram. Nesta perspectiva, é possível encontrar na obra de Amato Lusitano<sup>(1)</sup> a revelação de saberes que não só foram verdade para a época, como pertencem a história das verdades de hoje.

As *Sete Centúrias de Curas Médicas* perfazem um sumptuoso manancial de informação sobre o estado da medicina de Quinhentos, marcada pela influência dos clássicos gregos, latinos e árabes, autoridades que

eram reconhecidas pelos médicos mais notáveis. Amato Lusitano conhecia profundamente as obras dos autores mais representativos, que cita em profusão e tem perante eles uma postura de aceitação respeitosa. Mas a subserviência acritica perante os dogmas tinha chegado ao fim dos seus dias. O verdadeiro homem da Renascença manifesta uma atitude superior, procurando libertar-se das peias do obscurantismo e manifestando um interesse novo pela realidade objectiva que passa a observar de uma forma directa e independente.

O resultado desta nova forma de posicionamento perante a realidade tinha que dar os seus frutos. Nas



setecentas curas que constituem as *Sete Centúrias* publicadas, verificamos verdades que perduraram ou que pelo menos se encontram no caminho certo dos desenvolvimentos posteriores. Cada época tem as suas verdades e "a vocação autêntica da história das ciências será reconstituir tão fielmente quanto possível

da verdade. Ela mostra a humanidade pensante a passar de um estado de não verdade ou de verdade menor para um estado em que existe cada vez mais verdade"<sup>(3)</sup>.

A dor é um sintoma quase quase indissociável do quadro da manifestação da grande maioria das doenças e na descrição dos casos clínicos. Amato confere-lhe já um lugar primordial e aborda-a de uma



forma que veio a persistir na investigação semiológica consagrada na medicina. Quando o doente procura o médico, a maioria das vezes fá-lo porque a dor o perturba. Em muitas das curas, o caso descrito inclui a anamnese deste

sintoma, bem caracterizado como um dado pluridimensional, isto é, como realidade que se manifesta localizada algures no corpo (topografia) e no tempo, com duração apropriada, determinada intensidade também variável no tempo, e com um carácter ou matiz subjectivo interpretável de acordo com descrição do doente, e que pode sugerir a natureza da própria doença.

As palavras com que o doente descreve a dor têm para o médico relevante significado. E embora essa descrição, essa linguagem da dor, esteja dependente de factores estranhos ao próprio processo do doente, como a personalidade de quem a descreve e o impacto de elementos socioculturais, mesmo assim pode tipificar com muita aproximação o processo que a desencadeia. Esta particularidade, que se mantém, sobressai na clínica de Amato Lusitano.

Alguns exemplos:

- "Roeduras" no estômago, num caso de intoxicação por alcaparras (cura 3 da II Centúria);
- "Dor surda em volta dos rins", num doente atacado de nefrite (c. 61 - II C.);
- "Peso nas costas" numa mulher grávida (c. 59 - II C.);
- "Gravíssima dor de cabeça que abrangia a região dos olhos, a ponto de gritar que tinha um punhal cravado na órbita e o outro lhe saltava fora" num caso de agressão na cabeça por uma adaga (c. 7 - III C.);
- "Mordeduras no sítio do estômago" num doente alcoólico e que terá morrido de cirrose ("Como se sentia bem, voltou a beber copiosamente vinho mais puro. O fígado abrasado perdeu o calor inato e conseqüentemente todo o corpo lhe inchou, vindo a morrer ao fim de seis meses) (c. 46 - III C.);
- "Pontadas na região superior das costas e uma dor penetrante e aguda" num caso de pleurite (c. 62

As *Sete Centúrias de Curas Médicas* perfazem um sumptuoso manancial de informação sobre o estado da medicina de Quinhentos, marcada pela influência dos clássicos gregos, latinos e árabes, autoridades que eram reconhecidas pelos médicos mais notáveis.

- III C.);

- “Dor extensiva e pulsante, na parte exterior do peito” num outro caso de pleurite (c. 67 - III C.);

- “Grande peso nos olhos e na cabeça e um ardor enorme por dentro do corpo” num caso de febre maligna (c. 71 - III C.); - “Aperto no coração num caso de febre pestilenta” (c. 78 - III C.);

- “Dores lancinantes, no baixo ventre” surgidas antes da primeira menstruação (c. 98 - III C.);

- “Dores penetrantes à volta do joelho” num caso de agulha espetada no joelho (c. 58 - III C.);

- “Dor cruciante” num caso de grave pleurite (c. 82 - VII C.); - “Dor veemente” da artrite (c. 45 - IV C.);

- “Dores do coração, angústias e apertos nocturnos” (c. 33 - VI C.);

- “Opressão angustiosa do coração” (c. 41 - V C.).

Como vimos, Amato Lusitano na sua anamnese da dor pesquisa muitas vezes as circunstâncias do aparecimento, processo que se desenvolveu na medicina moderna.

Na cura 9 da IV Centúria, a dor tem a seguinte caracterização: “O doente tinha na pálpebra esquerda uma pústula e neste sítio sentia uma dor grave e violenta como se fosse apertado por um laço”. Também na cura I da VI Centúria, num doente atacado de “herpes que dava aspecto feio desde o cimo do peito até à região testicular(...) o que era mais grave, intervaladamente arrastava consigo tão intensa dor lancinante que com dificuldade a podia controlar”. Temos assim uma perfeita caracterização que inclui a localização, a intensidade, a distribuição no tempo e a coloração subjectiva do doente.

A precisão destas características evoca



habitualmente o próprio diagnóstico. É a dor como sinal, cuja topografia permite descobrir o órgão que está doente e, muitas vezes, a natureza da própria doença<sup>(4)</sup>.

Chegamos agora à actuação terapêutica na dor,

em Amato e não será exagero afirmarmos que em muitas práticas configuram-se aspectos de grande modernidade, particularmente quando o gesto terapêutico se dirige para as causas deste sintoma. Note-se que, por aquela época, ainda persistiam generalizadas as ideias que ultrapassaram a Idade Média, segundo as quais “o triunfo sobre o poder elementar da dor era sempre em consequência de um fenómeno único e inverificável, dum passe de magia, uma prestidigitação

ou milagres da fé”<sup>(5)</sup>. A fé, sim, transformava as coisas mais estranhas em apropriados objectos de cura, nessa terapêutica inverosímil de que ainda hoje há reminiscências nas mentalidades de algumas pessoas do nosso povo.

A actuação de Amato é notável em algumas situações, como no tratamento da cólica urinária que refere na cura 19 da IV Centúria: “Quando suprimida a urina pela completa obstrução do cálculo, uma vez este removido ou por cateter ou por sonda ou pela elevação das pernas e feita uma sacudidela a urina é libertada”. Amato percebe que o tratamento da dor passa pela remoção do cálculo e para isso tem uma estratégia que não é muito diferente da que os urologistas de hoje seguem. Removem-se os cálculos - com sonda, por via endoscópica, e podemos mesmo imaginar as sacudidelas como que um antecedente da recente litotripsia por ondas de choque extracorpóreas.

Não vamos desenvolver aqui a utilização da sangria no tratamento de algumas dores, prática bem estabelecida na medicina traiçoeiramente sobre o agulhão da própria dor!

Há em Amato Lusitano uma outra particularidade no tratamento da dor que devemos referir, também pela sua modernidade. É um aspecto que se assemelha ao praticado nos nossos dias quando se tratam doentes com dor crónica, ao utilizar medicamentos progressivamente mais fortes de acordo com a intensidade da dor ou a rebeldia na actuação dos medicamentos mais fracos. Nesta mesma cura 19, Amato refere-se aos casos de excrescências carunculosas no colo da bexiga, que são tratadas “com um sifão (tubo) introduzido no canal urinário. A alguns destes doentes, diz, sobrevieram sintomas na altura do tratamento como



Acta de bacharelato de João Rodrigues de Castelo Branco «Amato Lusitano»

dor intensíssima...”. E vejamos a terapêutica: “Ora se houver dor lava-se (humedece-se por meio do sifão) o meato urinário com leite, ou água rosácea misturada de cânfora (que como sabemos tem propriedades anestésicas locais), ou com um decocto de semente de linho e de funcho. Se a dor for muito aguda, de modo a que o doente a não possa suportar, então recorreremos ao decocto de meimendo (já *uma planta solanácea*) ou ao trocisto de cinoglossa (*planta boraginácea*) ou a um ou dois grãos de ópio dissolvidos em água de rosas”. Esta actuação cautelosa, ponderando a melhor eficácia com o tratamento de menores riscos, pertence à melhor tradição do espírito da medicina.

### AMATO, DOR, AMOR...

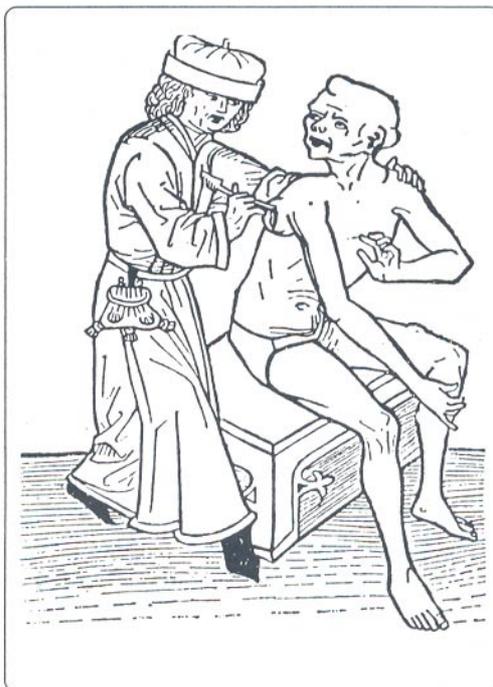
É de certo modo inesgotável a quantidade de considerações que a leitura das curas pode sugerir. E nesta realidade da dor, esta viagem pelas Centúrias é fascinante. A dor impera como queixa central, naturalmente, arrastando perturbações de outra ordem como as respiratórias (dor de pleurite), psíquicas (dor de coração), etc. Por vezes, a caracterização do mal estar, que não é propriamente dor física, usa a sua terminologia e é riquíssima a colheita de sinais e sintomas que acompanham determinados estados mórbidos. Neste aspecto, o médico prático de hoje oxalá suplantasse o nosso Ámato!

Nestas III Jornadas da Medicina na Beira Interior, em que também se fala no amor e na morte, se Amato Lusitano estivesse entre nós poderia brindar-nos com belas Comunicações que consistissem apenas na leitura de algumas das suas Curas. Por exemplo a 13ª da IV Centúria, em que apresenta o tratamento da doença de “uma viúva jovem, formosa e bem constituída”, que “sentia um acobrunhamento por todo o corpo, com distensão das veias” que lhe causavam “peso ou opressão resultante da acumulação ou plenitude ad vasa”. A jovem andava ruborizada e para Amato era “uma vermelhidão não acostuada e em virtude dessa abundância de sangue também se acumulava quantidade de sémen genital (como é costume suceder). Daqui resultava o aparecimento de pesadume por todo o corpo, fastio, suspiros, ansiedade, agitação e espreguiçamentos”. Bem, vamos abreviar, pois também nós participamos

no resumo empobrecedor das nossas histórias clínicas. O relato desta cura é extenso, e ainda tem um comentário. Chegamos à terapêutica. A bela viúva não se “safou” da sangria, mas Amato é sábio e pretende o tratamento completo dos seus doentes. E diz-nos: “Mas como isto (a sangria) pouco ajudasse, aconselhei-a a casar, pois lá diz Galeno no Livro 6, *De locis affectis* cap. V, que Vénus é saudável para tais viúvas”. Maravilhoso!

Regressámos a Amato atraídos por uma força muito viva e que se revigora quando se entende a cultura médica arquitectada dentro do rigor dos conhecimentos, exigíveis pelos próprios fundamentos provenientes das ciências exactas, mas elevada a um plano superior pelo seu destino. É ao homem, o ser mais complexo da “criação”, quando a “desordem” se abate sobre o seu ser, tantas vezes sob a pressão de influências externas profundamente perturbadoras, que engendram complexidades inauditas, que a medicina se destina.

Os dois aspectos desta cultura, que é por um lado pragmática, isto é, orientada para anular o sofrimento dos corpos e dos espíritos, e por outro lado partícipe de forma insubstituível na génese do



conhecimento pleno do homem, não têm sido sempre acarinhados com o mesmo vigor. Pensamos mesmo que hoje a vertente humanista do ensino e da prática médicas está atingida de uma desvalorização que, embora usando as vestes da “perfeição”, não deixa de ser desajustada. Citamos novamente George Gusdorf<sup>(6)</sup>, quando conta que aos decanos das Faculdades de Medicina e Ciências de Paris, em 1964, preocupados com o ensino da matemática “indispensável” no curso de medicina, os alunos inquiridos a propósito, responderam: “Talvez. Mas tinham sim a certeza de que o conhecimento do homem era seguramente primordial” e lamentavam que ele fosse tão mal tratado no plano dos estudos e os doutos responsáveis não manifestassem por isso pelo menos alguma inquietação. Na verdade, o homem “preso” à sua condição, talvez perturbe muitos “sábios”, assustados pelo polimorfismo das reacções humanas, que podem ser imprevisíveis, é certo, mas que lhe pertencem e ao configurar a sua realidade dramática constituem também o mais elevado capital de riqueza.

Alguns actuam como se esses comportamentos e

formas de reagir não fizessem parte integrante dos interesses da actuação médica.

E as coisas agravam-se, em tempos profundamente marcados pela miragem acutilante do *tecnicismo* e do *cientismo*, provocando reacções de “pureza” tão exarcebada, que levanta clamores contra a “corrupção” por excrescências, porventura banalidades e sempre coisas exteriores que profanam um espaço sagrado e exclusivo.

Perante tal “violência” foi bom lembrarmos Amato, ler estas exemplares curas, descortinar-lhes a ciência e perscrutar a sabedoria que permanece esclarecedora e dentro das margens que definem os deveres inalteráveis dos médicos.

#### NOTAS

1 - Utilizámos a tradução das *Curatationum Medicinatum Centuria Septem (Sete Centúrias das Curas Médicas)* existentes. As três primeiras Centúrias foram traduzidas por José Lopes Dias e Firmino Crespo. A tradução das outras quatro Centúrias, devida apenas a este último autor, apareceu a público já depois da morte do ilustre médico sibicastrense. Existe actualmente uma edição conjunta da *Sete Centúrias de Curas Médicas*, em quatro volumes, levada a cabo pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. Será desejável tanto uma nova edição crítica assim como a tradução da restante obra de Amato. Para quando ?!

2 - Gusdorf, George, *Da História das Ciências à História do Pensamento*, Lisboa, Pensamento, 1988, p. 339.

3 - Ibid.

4 - Vejamos outras localizações:

- “Dores intensas na região ilíaca por toda aquela parte que costuma ser cingida por vestuário”, numa mulher “atacada de corrimento” (c 16 - VI C.)

- “Dores e grande quentura sentida na boca do estômago”, num doente com vômito de sangue (c 20 - VI C.);

- “Peso na cabeça”, num doente com morbo gálico (c 25 -VI C.);

- Variadíssimas referências a outros casos de dor de cabeça (c 4 - IC.; 4, 7, 63 III C.; c 99 - IV C.; c 7, 8, 50, 68, 88 - VII C.);

- “Hemicrania” (c 36 - III C.);

- “Dor de Barriga” (c 39 - IV C.);

- “Dores nos intestinos” (c 28 - IV C.);

- “Cólica intestinal” (e. 2, 5, 32, 33 - I C.; c.12, 30 - III C.; c. 39, 45 - IV C.; e. 44 - V C.; c. 57 - VI C.; c 21, 22, 93, 97 - VII C.);

- “Dor de ouvidos” (c 92 - VII C.);

- “Dor nos olhos” (c 49 - IV C.);

- “Dor de garganta” (c 34 -111 C.);

- “Dor de dentes” (c 91- IV C.; c 21 - V C.);

- “Dor no tórax” (c 67 -IV C.);

- “Dor nas costas, na direcção da espinha” (c 8 - III C.);

- “Dor na mama esquerda que corresponde até à clavícula” (c 69 - III C.);

- “Dor de mamas” (c 38 - VI C.);

- “Dor dos seios” (c 19 - VII C.);

- “Dor no coração” (c 62 - VI C.);

- “Dor em volta do umbigo” (c 30 -111 C.);

- “Dor nos rins” (c 87 - III C.);

5- Fulop-Miller, René, *O Triunfo sobre a dor, História da Anestesia*, Rio de Janeiro José Olímpio Editora, 1946.

6 - Ibid, id, p.9.

## RABACINAS - UMA COMUNIDADE PERANTE A MORTE

Por Francisco Henriques, Jorge Gouveia e João Caninas

1. Rabacinas é uma pequena comunidade do concelho de Proença-a-Nova, freguesia de Montes da Senhora.

Está implantada na vertente poente da serra das Talhadas e, morfologicamente, o seu território é de grande irregularidade, com cotas que variam entre os 220 (ribeiro de Rabacinas) e os 471 metros (sena das Talhadas).

Era, e é uma comunidade com práticas agrícolas de subsistência, levadas a cabo em socalcos da serra-onde a água abunda-até ao Ribeiro.

Era uma comunidade pobre que obrigava a emigrações sazonais de mão-de-obra, para a ceifa no Alentejo e para a colha da azeitona e outros trabalhos agrícolas, na área de Rodão Mais recentemente (década de 40/50 )surgiu um fluxo migratório para a área de Lisboa.

Ano	Nº de habitantes
1911	250
1930	309
1940	309
1960	243
1991	54

Do ponto de vista demográfico, a evolução desde o início do século tem sido a seguinte: O número de habitantes foi obtido a partir do censo dos respectivos anos. O número relativo a 1991 foi obtido por telefonema para a Câmara Municipal de Proença-a-Nova, ainda que nos pareça diminuto pelo que conhecemos da aldeia.

Nunca existiu igreja na povoação.

2. A quase totalidade do material que constitui este trabalho, foi recolhida em 1986 e 1987.

Prendíamos, então, complementar (ainda que num escrito independente) o trabalho "1819-1846 óbitos da Freguesia de Vila Velha de Rodão", com a vertente etnográfica para a área vizinha. Acabámos por não o elaborar.

Para este trabalho houve uma releitura e reordenamento do material já recolhido e, depois de completo, uma nova visita à comunidade visada para confirmação de todos os elementos e, porventura, o acrescento de outros novos. As fontes foram várias pessoas, de ambos os sexos e quase todas com mais

de sete décadas de vida.

O trabalho descritivo que agora nos propomos apresentar, não é um contributo isolado, faz parte de um projecto mais vasto de inventariação do património cultural deste e de outros concelhos, no Alto Tejo Português.

Desde 1988 que vêm sendo divulgados os primeiros trabalhos temático (Contos Populares, 1988; Medicina Popular, 1990; e Poesia Popular, 1991) e outros se preparam como o Vocabulário e Expressões e a Gastronomia.

As primeiras contribuições já divulgadas não esgotam o tema, pelo menos assim o desejamos. O caso dos Contos Populares é um exemplo disso, com uma segunda contribuição já em preparação.

3. Como é uma primeira abordagem, não entramos em questões interpretativas. Isso exigia um conhecimento ainda mais profundo da comunidade. Não deixamos, no entanto, de tecer alguns comentários que nos parecem pertinentes. Assim:

- Salientamos o importante papel desempenhado pelo vizinho mais próximo.

- É curioso verificar, tal como já o unhamos feito para a doença na Medicina Popular, também a morte é vivida socialmente; havendo uma nítida reacção do gripe para com o morto e família enlutada.

- O forte espírito de entreatajuda da comunidade, verificável em toda a sua prática. Aliás, somos mesmo de opinião que esta comunidade conseguiu resistir ao tempo pelo elevado espírito de grupo que soube conservar.

Para fechar esta nota introdutória acrescentamos que quase nada do que aqui e agora trazemos se mantém.

Seguidamente, passamos a descrever as diferentes "fases" da morte em Rabacinas.

### O moribundo

Quando alguém estava moribundo chamava-se o padre para o confessar e administrar a extrema-unção.

## O morto

Quando uma pessoa morria, a primeira coisa que se fazia era chamar o vizinho “de mais perto da porta” e informá-lo da ocorrência. Este tinha a função de circular pelo povo avisando a comunidade da morte de um dos seus elementos e, simultaneamente, dar conhecimento do evento ao padre da freguesia (Montes da Senhora).

### Preparação

Depois de lavar e barbear (se era homem) o morto, vestiam-lhe a roupa melhor que tinha, a qual estava, geralmente, bem guardada e preparada para aquela ocasião, mesmo que a morte chegasse de surpresa. Se a “roupa melhor” não existia, ou não estava disponível, vestiam-lhe qualquer muda de roupa desde que estivesse limpa.

Ao vizinho mais próximo estava, geralmente, entregue a função de lavar e vestir o morto. Dizemos “geralmente” porque, algumas vezes, recorria-se ao serviço de uma mulher, que habitualmente também fazia este serviço. A barba era feita por um homem. Para os homens a mortalha era constituída por: um par de sapatos ou botas; umas ceroulas e umas calças; uma camisa e um casaco; um lençol para o cobrir. Para as mulheres era constituída por: um colete; um par de sapatos e meias; uma saia e uma blusa; um casaco (nem sempre); um lençol para a cobrir. A mortalha era preparada quando se estava doente havendo, entretanto, pessoas que a preparavam com muitos anos de antecedência.

Na generalidade dos casos, as duas únicas preocupações existentes com a mortalha era seleccionar a melhor roupa e não incluir indumentária de cor negra.

Depois de preparado, e durante o velório, o morto estava na cama e só passava para o esquife no momento de sair para o cemitério. Enquanto estava na cama era totalmente coberto com um lençol, ou com uma colcha branca.

### Velório

Em Rabacinas, quando morria uma pessoa, os familiares do morto dessa casa não faziam comida. Esta era confeccionada pelos vizinhos que a levavam à casa dos familiares que residiam com o morto. A ementa era constituída por ovos fritos, sopas de ovo ou batatas com bacalhau. Estava estritamente proibido, durante um dia, a ingestão de carne porque diziam que “quem dá carne para a terra, não deve comer carne”.

Em comunidades vizinhas (Bairrada), esta proibição alargava-se para três dias alegando-se que

seria comida a carne do morto. Devido à configuração arquitectónica das casas (o quarto era do tamanho da cama), as pessoas tinham que estar na sala ou na cozinha enquanto velavam o morto. Este, como já dissemos, estava na cama, no quarto.

Cada pessoa que chegava ao velório trazia consigo, na generalidade dos casos, uma manta para se deitar e/ou embrulhar e, algumas vezes, uma almofada para se sentar ou mesmo deitar. As pessoas presentes sentavam-se no chão encostadas à parede. Era frequente deixarem-se dormir. Não era raro, enquanto dormia, que algum dos participantes no velório deixasse escapar um peido, o que dava azo a uma risada geral.

Participava no velório um elemento de cada casa, geralmente era uma mulher. O homem, quando muito, passava fugazmente pelo local, se era familiar chegado. Esta mantinha-se a velá-lo durante toda a noite indo, entretanto, conversando (de temática diversificada, nalgumas casas, noutras quase não se falava) domvndo e rezando o terço pela alma do morto.

Era costume ter junto do morto uma taça com água benta, que iam buscar à igreja. Assim, cada pessoa que chegava, depois de rezar um Padre Nosso aspergia o morto, com um ramo de oliveira, na cabeça, nos pés e na barriga. Outras, preferiam fazer uma cruz sobre ele. Cada indivíduo levava consigo uma candeia de azeite que era dependurada no compartimento do morto. Com frequência era necessário colocar um fio, de um a outro lado do quarto, para dependurar todas as candeias. A casa acabava por ficar com um cheiro nauseabundo provocado pelo fumo.

O esquife estava no lagar, ninguém o queria em casa. E quando se começou a usar o caixão aconteceu deitarem-no ribeiro abaixo.

Muitas vezes, devido à estrutura arquitectónica das casas, não conseguiam levar o esquife junto do morto. Então, traziam o morto, destapado, em braços, para fora de casa, com um homem à frente e outro atrás. No

**É curioso verificar, tal como já o tínhamos feito para a doença na Medicina Popular, também a morte é vivida socialmente; havendo uma nitida reacção do grupo para com o morto e família enlutada**

momento da saída do morto, era distribuído pelos inocentes (crianças até sete anos) uma fatia de pão “seco”. Diziam que era a primeira oferenda pela alma do morto. Não deixavam estar as crianças ao pé dos mortos. Deste modo, quando havia mortos em casa, as crianças iam para as casas de vizinhos ou de familiares.

## Enterro

Em Rabacinas não havia cemitério. Os mortos tinham que ser transportados, em ombros, para Montes da Senhora, que dista cerca de 5 quilómetros de Rabacinas, por caminhos na altura pouco praticáveis. Neste percurso havia 5 “pousos”, em locais pré-determinados (centro de Rabacinas, alto da Portela, cimo do Casteleiro, Alminhas do Chão de Galego e alto dos Montes da Senhora), onde descansavam. Não havia reza em coro. O padre, residindo nos Montes da Senhora, não acompanhava estes funerais, nem levavam qualquer cruz na cabeça do cortejo.

Nos enterros, há algumas décadas atrás, só os homens acompanhavam os mortos no percurso referido. Era obrigação de cada família enviar um elemento a acompanhar o morto. Se por qualquer motivo não o podiam fazer, pagavam uma jorna (valor de um dia de trabalho) ao vizinho mais perto da porta para representar a família. A família “mais chegada” (ascendente/descendente) não participava no funeral.

Era também hábito que, enquanto o enterro passasse em frente de uma casa, todos os seus ocupantes sentados e mesmo doentes acamados, deviam colocar-se de pé. Diziam que «não era bom» ficar sentado ou deitado. Os homens, mesmo dentro de casa, deviam descobrir-se, ou seja, tirar o chapéu. E, se qualquer homem se cruzasse com o acompanhamento, na rua, devia postar-se de um ou outro lado da via, tirar o chapéu e mesmo rezar um padre-nosso (nem sempre) como sinal de respeito.

Dissemos atrás que só os homens acompanhavam os mortos. Mas, nem todos os homens da aldeia. Esta estava dividida em duas partes (a de cima e a de baixo), sendo o fomo a linha divisória. Deste modo, quando morria um habitante da parte de cima, só era acompanhado por homens da parte de cima. Se o elemento morto era da parte de baixo da povoação, só era acompanhado pelos homens da parte de baixo. Este sistema durou enquanto se usou esquife, desapareceu com a introdução do caixão.

Nos Montes da Senhora, depois do funeral feito, o dinheiro recebido do acto de representar os vizinhos era gasto em vinho.

Assim, era natural que os homens regressassem sempre bêbedos. De regresso, como nem sempre vinham juntos, ninguém queria trazer o esquife.

Pela morte de um anjo (crianças com menos de sete anos) os homens não participavam no funeral. O “anjo” era acompanhado por outras crianças e pelas raparigas solteiras da povoação, sendo transportado para o cemitério dentro de um tabuleiro.

## Sistema de quotização

O sistema de quotização que abaixo descrevemos foi apenas introduzido com o aparecimento do caixão (há cerca de 40 anos) porque, ao contrário do esquife,

este exigia custos significativos (materiais e mão-de-obra). O caixão era feito pelos carpinteiros da aldeia. Assim, sempre que uma pessoa morria era costume, nesta “comunidade, fazer-se uma quotização por todas as famílias para ajudar nas despesas do enterro. O vizinho mais próximo era o responsável pela colecta. Este sistema estendia-se mesmo para além dos limites geográficos da povoação. Assim, qualquer pessoa dali natural que residisse em comunidades vizinhas continuava, geralmente, a págar a respectiva quotização e, simultaneamente, via-se abrangido pelo mesmo sistema, em caso de morte no seu agregado familiar. Neste caso, o vizinho mais próximo da casa em que residira encarregava-se da colecta que fazia chegar ao seu destinatário.

É natural que o valor da quotização tenha variado muito ao longo do tempo. Há cerca de 35 anos era de cerca 1\$00 por pessoa. A contribuição era igual para crianças (anjo) e adultos e não se tinha em conta a situação sócio-económica do contribuinte.

## Luto

O Luto é um conjunto de manifestações de pesar que abrange a generalidade dos familiares mais próximos de um indivíduo que morreu, durante um determinado período de tempo. Depois de tentarmos definir o luto, pareceu-nos útil tomar idêntica atitude para algumas expressões com ele directamente relacionadas. Assim:

Andar de luto carregado: período do luto ainda muito próximo do acontecimento f inebre que lhe deu origem. Nesta situação, a mulher veste sempre de preto e cobre a cabeça com lenço e xaille da mesma cor. O homem veste camisa preta, sob casaco e usa chapéu. Só por um parente muito próximo se põe luto carregado.

Andar de luto ou andar de preto: diz-se de pessoa que está perante uma situação de luto por morte de qualquer familiar. Veste sempre de preto e pode ou não cobrir a cabeça com um lenço (preto). O homem pode usar qualquer identificação.

Andar de roxo ou aliviar luto: fase de transição entre o luto e a gala. Nesta situação, a pessoa não pode utilizar indumentária de cores alegres. As cores mais usadas são o branco, o preto, o azul escuro e o cinzento.

Andar de gala: diz-se de pessoa que não está sob qualquer situação de luto. Pode vestir, por isso, todas as cores. Punha-se luto independentemente do sentimento que se sentia pelo morto. Aliás, o luto, em grande número de casos, pareceu-nos ser mais para consumo externo que interno. E como se poderá verificar atinge muito mais as mulheres que os homens.

No quadro I expomos os tempos de luto mínimos. Isso não impedia, entretanto, que fossem

ultrapassados ou ficassem aquém.

Se ficavam aquém, imediatamente se levantava a voz crítica da população. Se alguém casava antes

Aspectos gerais do luto

Um das primeiras manifestações de pesar era o encerramento das janelas da residência do morto.

Acontecia de imediato, logo que a pessoa expirasse e abriam-nas um dia depois de ser sepultado.

Se o morto era o pai, a mãe ou qualquer filho com mais de sete anos deixava de se limpar a casa. A proibição apenas abrangia as grandes limpezas, tal como cair, e não as pequenas limpezas.

Nas épocas festivas (Natal e Páscoa) não estavam indicadas reuniões de familiares, refeições melhoradas e doçaria própria da ocasião. Para suprir esta situação, vizinhos e familiares davam à família enlutada a doçaria (bolos) que esta não podia fazer. Esta proibição era variável consoante o grau de parentesco do familiar morto; para os parentes mais próximos durava cerca de um ou dois anos. No caso de luto pelo marido, a viúva, geralmente, nunca mais a fazia. Quem estava de luto não devia ir para festas, bailes, etc. Em suma, não devia extorverter os seus sentimentos de alegria.

Vestígios do luto

na aparência física e na indumentária

Nos homens: camisa preta, casaco vestido, chapéu na cabeça e deixar de se barbear (atitude de um filho pela morte do pai - procedimento nem sempre verificável). Luto carregado; fita preta na gola do casaco; fita preta no braço do casaco; fita preta no chapéu, se era castanho.

Nas mulheres: todas vestidas de preto com xaile e lenço pela cabeça. (luto carregado); todas vestidas de

do tempo socialmente prescrito, ouviam-se de imediato os comentários: "nem sequer lhe guardava respeito" ou "olha o respeito que lhe guardava".

preto com o lenço pela cabeça; vestidas de preto, sem lenço e sem xaile; brincos das orelhas forrados de pano preto.

Quadro I - Tempos e sinais de luto

Relacionamento familiar	Tempos mínimos de luto	Observações
Marido pela esposa	3 ou 4 anos	Frequentemente era menos tempo. Muitas vezes, os homens voltavam a casar-se. Usava camisa preta até começar a aliviar luto (uso da fita preta). Se ainda andava de luto pela esposa anterior, deixava logo de o andar.
Esposa pelo marido	Toda a vida	Usava luto carregado 1 ano (com xaile pela cabeça). As mulheres raramente voltavam a casar. Nos últimos 50 anos contam-se dois únicos casos. Se casavam, aguardavam 3 ou 4 anos e mesmo depois do novo casamento nunca chegavam a andar de gala.
Pais pelo filho(a) (mais de 7 anos)		3 meses luto carregado. 18 meses de preto. 6 meses de roxo.
(menos de 7 anos)	Não punham luto.	
Filho(a) pelos pais	3 meses luto carregado 18 meses de preto 6 meses de roxo	Os homens deixavam crescer a barba, andavam de casaco vestido-chapéu na cabeça. Depois, passavam a usar só a fita preta no chapéu (se de cor castanho) na manga ou na gola do casaco (se não fosse preto)
Avô(ó) pelo neto(a)	6 meses de luto	
Neto(a) pelo avô(ó)	1 semana de luto carregado 2 meses de luto 4 meses a aliviar luto.	
Sobrinho(a) por um(a) tio(a)	3 meses de roxo	Os últimos 45 dias já traziam qualquer roupa, menos vermelho.
Tio(a) pelo(a) sobrinho(a)	45 ou 30 dias de roxo	
Por um(a) primo(a)	3 meses de roxo	Se o enlutado era do sexo masculino só punha fita preta no braço e nem sempre.
Por um(a) cunhado(a)	1 mês de luto 11 meses a aliviar o luto.	
Pelo(a) sogro(a)	mesmo que por um pai	
Pelo genro ou nora	18 meses de luto 6 meses a aliviar luto	

---

## Bibliografia

---

CABRAL, João de Pina, Os Cultos da Morte no Noroeste de Portugal. In *A Morte no Portugal Contemporâneo*, pp. 65-87, Edição Querco, Lisboa 1985.

HENRIQUES, Francisco e João Caninas, 1819 - 1946 Óbitos da Freguesia de Vila Velha de Ródão, Primeira leitura, *Preservação* 9-11, pp. 87-179, Vila velha de Ródão 1990.

HENRIQUES, Francisco e João Caninas, Contos Populares dos Cortelhões e Plingacheiros, *Preservação* n°8, p.79, Vila Velha de Ródão 1991.

HENRIQUES, Francisco e João Caninas, Poesia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros, *Preservação* n°12, p. 158, Vila Velha de Ródão 1991.

HENRIQUES, Francisco e João Caninas, Maria dos Anjos Henriques e Maria do Céu Duarte, Medicina Popular dos Cortilhões e dos Plingacheiros, *Preservação* 9-11, pp.35-85, Vila Velha de Rodão, 1990.

## A MORTE NO ALCAIDE, UMA ALDEIA DA GARDUNHA-ATITUDES E RITUAIS

Por Albano Mendes de Matos

O tema da morte é um dos discursos mais significativos que o homem pode produzir. Os aspectos visíveis da morte exteriorizam-se por cerimoniais públicos, vividos colectiva mente, em práticas e rituais fúnebres, sociais e religiosos, fundamentados em atitudes e mentalidades.

Embora com disfarces e tabus, há actualmente várias abordagens sobre a morte, sejam literárias, científicas, religiosas, profanas ou mesmo de senso comum, que orientam o homem para as suas realidades efémeras, fazendo-o tomar consciência do seu ser.

Mercê de uma pesquisa empírica efectuada na aldeia do Alcaide, na serra da Gardunha, verificámos a existência de atitudes diferentes perante a morte, consoante os grupos etários. Os mais velhos têm um comportamento mais próximo da morte, não pela idade, mas pelas atitudes, percebendo-a como um facto próximo do quotidiano familiar, desejando terminar em casa, mediante uma *boa morte*, sem sofrimento, o que corresponde à *morte domesticada*, na acepção de Philippe Ariès (1988:20).

Os mais novos têm outra atitude, quer perante a familiaridade com a morte, que pretendem ignorar, quer nos rituais de margem, como o luto, que tentam abreviar.

O alcaidense tradicional deseja acabar os últimos momentos em sua casa, entre os seus vivos e os seus mortos.

Uma mulher viúva, encontrando-se em Lisboa e sentindo aproximar-se a morte, pediu para a transportarem para a sua casa, no Alcaide, para morrer na sua terra, com uma *boa morte*.

Já deitada na cama, em sua casa, exclamou:

- Agora, já posso morrer!- pedindo um padre, para a confessar e dar-lhe a comunhão.

No dia seguinte, morreu em paz, serena, deitado de respirar lentamente.

Segundo o conceito local, esta foi uma *boa morte*, ou seja, uma morte não violenta, no lar, próximo dos familiares, natural, sem sofrimento, na graça de Deus.

O que preocupava esta mulher alcaidense era morrer fora da sua aldeia, entendida, assim, como uma *má morte*, porque a sua alma podia não encontrar o caminho dos seus familiares e conterrâneos e perder-se.

Robert Fulton (1977:278) refere que a maioria das pessoas, que sabem que estão a morrer, dizem preferir morrer em suas casas, rodeadas pela família. Para aquela mulher, era um perigo morrer fora da comunidade de origem. Ela encontrava-se numa atitude foral de angústia, como situação-limite de salvação. No imaginário tradicional, a sua alma poderia não seguir o caminho normal dos antepassados e transviar-se.

O homem rural tradicional, vivendo num mundo de privações, acredita numa vida extra-terrena de bem-estar, ou de sofrimento por expiação dos pecados, num sentimento de religiosidade que o envolve desde a nascença.

Segundo o pensamento escatológico da Igreja Católica, a alma pode alcançar, segundo o comportamento de cada indivíduo, três esferas: duas eternas, o Céu, onde entra em felicidade, pela salvação, ou o Inferno, onde a alma, morta para a felicidade, pelo pecado, vive no fogo da maldição eterna, em todo o tempo; a terceira, o Purgatório, uma invenção do Concílio de Trento (Vovelle, 1974:126), onde as almas, que nele entram, passam algum tempo de expiação dos pecados, entre chamadas purificadoras, para subirem ao Céu.

Representações iconográficas, que traduzem a simbologia dos destinos da alma, segundo a visão cristã, foram constantes até aos princípios deste século, e estão presentes na Bandeira das Almas, que acompanha os enterros no Alcaide. De um lado, as almas, em imagens humanas nuas, como no *Inferno* de Dante, sofrem o fogo purificador, em esgares de angústia: do outro, as almas serenas, sorridentes, gozam as delícias do Paraíso.

O quotidiano da comunidade alcaidense fornece, ainda hoje, apesar da progressiva desactualização, formas tradicionais de práticas e de atitudes perante

O homem rural tradicional, vivendo num mundo de privações, acredita numa vida extra-terrena de bem-estar, ou de sofrimento por expiação dos pecados, num sentimento de religiosidade que o envolve desde a nascença.

a morte. Num tempo em que a oralidade da *literatura tradicional* se perde para as novas gerações, muitos alcaidenses continuam a recitar as composições aprendidas com os avós, numa enculturação de expressiva religiosidade popular, mesmo em face das modernas vivências e da mudança cultural que envolve a aldeia.

Nas seguintes composições, que os mais velhos ainda rezam, manifesta-se o desejo de sair deste mundo por uma morte sem atribulações, por uma *boa morte*.

Diz a quadra:

Sete tochas tem a casa,  
Sete achas estão a arder,  
Sete anjos me acompanhem  
E mais a quem morrer!

Refere a sextilha:

Nesta cama me deitei,  
Para dormir e descansar;  
Se a morte vier,  
Ela me deixe falar,  
Para o meu corpo confessar,  
E a minha alma salvar!

A quadra e a sextilha são recitadas junto da cama, antes de deitar. São composições da *poesia religiosa tradicional* que têm a finalidade de exconjuram a morte, ou o rito verbal da expulsão, porque a morte pode surgir em qualquer momento.

A forma anafórica da quadra, em que o número sete, o número simbólico da criação e da perfeição, é repetido, toma aspectos encantatórios para afastar a morte, mas, se ela surgir, que venha na graça de Deus, para uma subida ao Céu, simbolizado pelos anjos.

A segunda composição, sem o simbolismo da primeira, expressa dois pedidos: um, a passagem de uma noite descansada, o outro, uma *boa morte*, se o falecimento acontecer. Expressa, ainda, o receio de uma morte sem confissão, sem o perdão dos pecados, necessária para a salvação da alma.

É evidente o dualismo entre a substância-corpo, que intervém na prática individual e social, enquanto indivíduo ou pessoa, e a alma, substância incorpórea, que é necessário salvar, perante o *juízo final da vida*, após a separação do corpo, na consumação da morte.

A morte violenta, por acidente, ou inesperada, por qualquer outro motivo, é muito temida na aldeia e a mais sentida pela comunidade, sendo conotada com a *má morte*.

A *má morte* também se verifica quando um moribundo está em agonia dolorosa, gemendo e gritando (urando, dizem alguns), como castigo pelas

maldades que fez e pelos pecados que cometeu, sendo uma forma terrena de os expiar, segundo a *visão do mundo* e a crença nos meios rurais tradicionais.

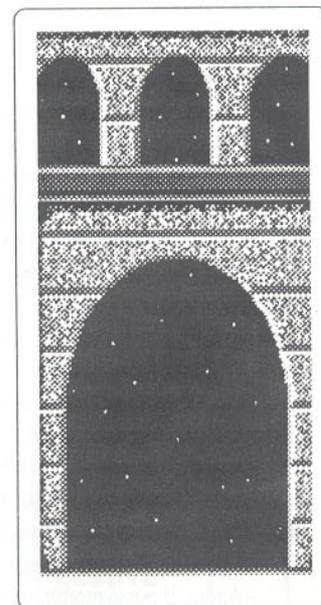
No caso de morte violenta, em tempos passados, era costume erguer uma cruz no lugar da morte, para que a alma do morto, especialmente se o falecimento fosse provocado por homicídio, não ficasse errante, penada, a perturbar o homicida ou a família deste, desviando-se do caminho normal, após a separação do corpo.

Existe, à entrada do Alcaide, pelo lado do Nascente, uma cruz, que assinala a morte violenta de um alcaidense, ocorrida no século passado. Até meados deste século, familiares do falecido iam mantendo a cruz, que era de madeira. Com o desaparecimento dos familiares, perdida a identidade do morto a que a cruz se refere, o que normalmente acontece com os trinetos, a cruz deixou de designar o indivíduo e passou a representar a totalidade dos alcaidenses falecidos. Na década de cinquenta, a cruz de madeira apodrecida foi substituída por uma cruz de granito, material eterno, e passou a designar-se por *Cruz das Almas*, o que originou mais um topónimo: O Lugar ou Sítio da *Cruz das Almas*.

A memória de um indivíduo, materializada na cruz, foi transformada, com o decorrer do tempo, em local de *culto dos mortos*, assinalado pela mesma cruz. Muitos alcaidenses, sempre os mais velhos e especialmente as mulheres, benzem-se, soletram uma reza, ou dizem uma simples jaculatória, ao passarem por esta cruz. Manifestação gestual, a benção, e manifestação oral, a reza, ambas se incluem nos ritos de proteção contra a *má morte*, que a cruz indica, ao mesmo tempo que são manifestações do *culto dos mortos*.

Podemos afirmar que houve uma apropriação social de um facto individual, com a inclusão da cruz nos lugares sagrados da aldeia.

Para além da prática quotidiana aldeã, há os lugares sagrados, que se relacionam com o outro mundo, o mundo dos antepassados, sempre lembrados e venerados pelos familiares e pela comunidade em geral. Há dois mundos que se completam, no universo da aldeia: o mundo social



dos vivos e o mundo espiritual dos mortos. Este último relaciona-se com os espaços sagrados, como foi referido, e nele permanece a memória dos falecidos. A deposição do corpo de um morto, rito de separação da terra e de integração no outro mundo, é feita na terra sagrada do cemitério. A relação com os mortos é uma relação sacralizada, quer através de rezas e de orações individuais, quer por práticas ou encomendações colectivas da religiosidade popular, ou por actos e exéquias da liturgia oficial.

O mundo dos mortos é sagrado. Na terra do cemitério, são colocados os finados e nela fica a última memória física de um familiar ou de um conterrâneo. Até ao terceiro quartel do século passado, ainda eram feitos alguns enterramentos no Adro da Igreja, que também é terra sagrada. Algumas lápides, com inscrições mortuárias, lembram o facto.

Em 1988, para alargamento da rua, foi sacrificada uma faixa de terra, ao longo do Adro. O facto provocou conflitos entre alcaidenses, pois, alguns consideraram ser profanação de um lugar sagrado. As terras foram retiradas, segundo testemunhas, ainda com vestígios humanos, e colocadas num caminho. Algumas pessoas tinham relutância em passar nesse caminho, pois iriam pisar terra sagrada, que envolvera antepassados e deles era memória.

Durante a *pneumónica*, doença que vitimou muitas pessoas em 1918, alguns alcaidenses foram inumados no Adro da Capela de Santo António, por falta de lugares no cemitério de São Francisco, pois o cemitério novo fora construído em 1929. Encontra-se no Adro de Santo António, uma amoreira da qual os alcaidenses

não colhem frutos, por se encontrar em terra sagrada, que foi sepultura de antepassados.

O Viático e a Extrema-Unção, ministrados aos enfermos em perigo de vida, rito liminar de grande religiosidade e tristeza, indiciando que uma alma vai abandonar a comunidade, deixou de ter a solenidade visível de outros tempos, com o toque plangente dos sinos, em badaladas graves, compassadas, fortes e prolongadas, e a procissão em que se incorporavam espontaneamente muitas pessoas, com as portas da casa do enfermo abertas ao povo, porque a morte é uma perda não só para a família, mas também para a sociedade. O quarto do moribundo era um lugar público, como refere Ariès (1988:24).

Dizem os Estatutos da Irmandade do Santíssimo

Sacramento, do Alcaide, que engloba a Irmandade das Almas, aprovados pelo Juiz da Comarca do Fundão, em 1817:

«Havendo de ir o Viático a algum enfermo, e feito pelo Sacristão o Sinal com os Sinos, acudirão imediatamente todos os Irmãos q'estiverem na terra, estando tudo disposto sahirá a procissão pela seguinte ordem. Adiante irá o andador com a Campainha; logo o Thesoureiro co a Cruz, entre dois cereais, ou Lanternas, que serão levadas por dois Mordomos; depois seguir-se-há a Corporação da Irmandade com suas Vestes e Tochas da Irmandade, e no fim de cada uma das alas da Irmandade, irá do lado esquerdo o Procurador com huma toalha, e a Caldeirinha de agoa benta, e do direito o Secretário q'levará o Troneto. As varas do Pálio, e as lanternas as levarão aqueles irmãos, que forem eleitos cada mez e se algum dos Irmãos, aquele que pertencer

levar alguma insignia não comparecer, será multado em 100 réis; e o Juiz chamará hum que faça as suas vezes; e os Irmãos, que estiverem na terra, e não comparecerem serão multados em 50 réis, e o Juiz governará com a sua Vara esta e todas as procissões



Alcaide. Funeral parado junto de uma encruzilhada

em que sahir a Irmandade».

Este rito de levar o Senhor aos enfermos, rito preliminar activo, tido na classificação de Van Genep (1978:31-32) como rito de purificação, que coloca o moribundo num estado de pureza, perdeu, nas últimas décadas, o cerimonial e a solenidade preconizados pelos referidos Estatutos, elaborados quase há dois séculos, que ainda regem as actividades da Irmandade.

Outro aspecto dos ritos funerários que mudou na aldeia, foi o lugar do velório do corpo dos falecidos. Desde 1977, com a resistência de algumas famílias, que querem os seus mortos em casa, segundo a norma tradicional, os velórios, como período de margem (Van Genep, 1978:128), nos ritos funerários, passaram a realizar-se na capela de São Sebastião. Como diz Philippe Ariès (1988:153), a morte e os ritos funerários estão a deixar de ser domesticados.

Com a mudança do local de vela dos defuntos, diminuiu a intensidade do pranto ou choro dos parentes, porque, com o morto em casa, o velório processava-se no ambiente familiar e era mais sentido. Na capela, se um familiar começa o pranto

A morte violenta, por acidente, ou inesperada, por qualquer outro motivo, é muito temida na aldeia e a mais sentida pela comunidade, sendo conotada com a má morte

tradicional é advertido, por vezes, de que já não se usa.

O choro ou o pranto efectuado por mulheres contratadas para o efeito, as carpideiras ou choradeiras, terminou no primeiro quartel deste século, continuando a ser feito pelos familiares do finado. Este acto expressivo de dor, choro, lamentação ou pranto, é comum a vários povos, e ficou registado na literatura tradicional, como no seguinte apontamento recolhido no Alcaide, que, em tom jocoso, refere a memória das carpideiras de outras épocas.

Morreu o homem de uma mulher muito amiga de dançar. Com o marido morto, no velório, a mulher contratou uma carpideira para fazer o choro, prometendo-lhe um saco de pão (centeio em grão). Enquanto esta ficou a carpir, junto do morto, a viúva foi para uma dança.

Lamentava, em pranto, a choradeira:

A chorar penas,  
Ai, eu! Ai, eu!  
Por um homem  
Que não é meu.

Prometeu-me  
um saco de pão  
Não sei se mo dá,  
Se dará ou não

Cantava a viúva, na dança, aos pinotes:

Há-de ser cheio,  
Bem recalçado  
E ainda no cimo  
Mais um punhado!

Um dos momentos altos do pranto, momento crucial para a família em dor, é a saída do morto de sua casa. É uma partida final dramática, correspondendo a um *rito de separação*, segundo Van Gennep (1978:138), em que os doridos soltam os últimos lamentos, com o falecido à vista do lar que o perdeu. Com o velório na capela de São Sebastião, o rito de separação do lar perdeu a sua força, porque o caixão com o defunto sai de casa discretamente.

Nos anos sessenta, foi adquirida, pela Liga dos Amigos do Alcaide, uma carreta para transporte do caixão, nos enterros. Poucas vezes serviu, porque fugia do tradicionalismo, com os homens, familiares ou amigos, revezando-se a pegar no caixão, e, ainda, porque a carreta era própria para o transporte de coisas, não de pessoas, pois, como refere Robert Hertz (1970:1), o corpo de um defunto não é o cadáver de qualquer animal, exige respeito e impõe deveres familiares e sociais.

Se há uma preocupação com o corpo dos falecidos,

que exige cuidados especiais de *toilleie*, para que se pareça o menos possível com um cadáver, maior é a preocupação com o destino da alma, no espaço de tempo entre a morte e o enterro, facto que está em contradição com a norma da Igreja Católica, que diz ser a alma libertada do corpo, logo após a morte, e submetida do *juízo final da vida*, sendo-lhe imediatamente decretado o destino, consoante as obras praticadas na terra.

Apesar desta evidência do destino da alma, segundo a Igreja Católica, em que a alma, ao separar-se do corpo, entra no Céu, no Purgatório ou no Inferno, mantêm-se, no Alcaide, os *ritos de encaminhamento da alma*, durante

o enterro, mesmo que inconscientemente, para que a alma não se afaste do corpo, na viagem para o cemitério, ficando penada ou errante ou vá perturbar pessoas, especialmente os enfermos, ao longo do caminho. São ritos ancestrais que se entrecruzam com a prática religiosa oficial. O enterro pára nas proximidades de cinco encruzilhadas de ruas e caminhos, desde a Igreja ao cemitério, onde são rezados ofícios de encomendação, para que a alma não se desvie pelos caminhos transversais, perdendo-se.

À passagem do enterro, todas as portas que dão para a rua devem ser fechadas, para que a alma do defunto não entre e se perca, ou vá atormentar algum doente e lhe induza uma morte próxima. Estes ritos ou crenças perdem-se na tradição dos tempos, mas têm passado de geração em geração.

Nos últimos anos, com o transporte do féretro, em alguns enterros, em viatura funerária, os rituais deixaram de ser seguidos, não parando o acompanhamento nas encruzilhadas, nem o rapaz da campainha o anunciou, tocando-a de três em três passos, segundo a tradição.

Alguns ritos e atitudes perante a morte estão em mudança ou a desaparecer. Ritos que, como refere Jonh Riley (1975:281), sancionam a separação da pessoa morta dos que continuam a viver e facilitam a transição da alma ao reino do outro mundo, com incorporação à sua nova existência.

O luto é um *estado de margem* para os sobreviventes, no qual, segundo Van Gennep (1978:127), se entra por *ritos de separação*, como o velório, o pranto final, não cortar a barba, a mudança de vestuário, etc. Durante o luto, os vivos e o seu morto constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, da qual os vivos saem mais ou menos rapidamente, conforme o grau de parentesco com o finado (Van Gennep, 1978:127). O luto pára a vida social normal para todos os que por ele são atingidos, que não podem tomar parte em festas, ouvir música, dançar, preparar alimentos festivos, entre outras proibições. Sai-se do luto, por ritos de suspensão das proibições,

em que são visíveis as mudanças de vestuário e do comportamento social, considerados ritos de reintegração social.

Actualmente, estes ritos de luto estão em franco abrandamento, especialmente nas gerações mais jovens, mercê de mudança de mentalidades e de ruptura com a tradição, com tendência para o desaparecimento, em alguns aspectos, com desritualização das manifestações visíveis da morte, ou invisibilidade social da morte, escondendo-a, como refere Philippe Ariès (1988:57).

O cemitério funciona como uma segunda aldeia, a aldeia dos mortos, onde se destacam a estratificação social e o poder económico das famílias, que se manifestam nas campas de terra, nas sepulturas de mármore e nos jazigos, reproduzindo a aldeia social dos vivos. Este facto da desigualdade no local de enterramento, fenómeno de todos os tempos, está patente na Igreja Matriz, no respectivo Adro e na capela de São Francisco, onde foram efectuados enterramentos ao longo dos séculos. Na memória das pedras tumulares, apenas estão alguns priores e alguns ricos em túmulos próximos dos altares, numa localização *ad sanctus*, privilegiada, ou no Adro, junto à porta lateral, com as inscrições já gastas pela passagem das pessoas. Até finais do século passado, existiu a crença de que quanto mais próximo os mortos estivessem dos altares, mais fácil seria a salvação das suas almas e mais longe estavam das arremetidas do demónio. O local da inumação dos mortos respeitava a hierarquização social dos vivos.

Depois dos anos setenta, os cemitérios alcaidenses foram objecto de uma revolução material. À medida das campas térreas sucedeu uma aldeia de mármore, evidenciando uma mudança económica e social. Preferimos a expressão *campa térrea a campa rasa*, porque, em nosso entender, não há campas rasas, nos locais de enterramento dos povos que conhecemos. Há sempre, no mínimo, um montículo de terra ou umas pedras erguidas a marcar as sepulturas, como rito final de separação do morto com o mundo dos vivos.

A sepultura comum, individualizada pelos sucessivos nomes dos inumados, ou apenas por um número, sucedeu a sepultura familiar, por compra de um rectângulo de terreno com dois metros de comprimento por sessenta e cinco centímetros de largura, como prolongamento do lar familiar, como

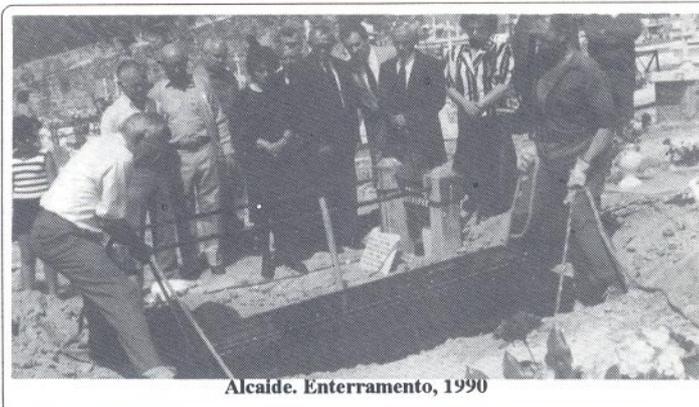
que numa simbiose entre o mundo dos vivos e o mundo dos antepassados. Os mortos passaram a evidenciar a prosperidade dos familiares vivos, com as últimas moradas construídas de mármore, um material nobre, por vezes, com sinais de ostentação.

O medo e o respeito pela morte estão subjacentes em algumas superstições dos alcaidenses, porque ela pode chegar em qualquer momento, como diz a quadra tradicional:

O mundo é uma vinha,  
Cada cepa é um cristão;  
Vem a morte, faz vindima,  
Não procura por geração.

Se um cão uiva, sem motivo conhecido, é sinal de morte. Se um galo canta, de dia, fora dos momentos habituais, se um certo tipo de borboleta aparece, de noite, em casa, ou se um defunto fica com os olhos

abertos, são sinais de morte próxima. Estas superstições, entre outras, fazem parte do imaginário tradicional alcaidense. Procurando uma tentativa de explicação destes factos, nas gentes locais, a resposta foi sistematicamente a mesma: *Que vêm da tradição dos avós, porque assim era a sua crença.*



Alcaide. Enterramento, 1990

Como cada geração só regista uma parte das tradições das gerações anteriores, muitas tradições vão desaparecendo, consoante as atitudes e as mentalidades das novas populações, sempre em mudança.

Já neste século, se deu uma transformação no modo material de alumiar nos velórios, à cabeceira dos defuntos. Primeiro, com candeeiros de azeite, de um ou mais bicos (os candeeiros dos mortos), que quase todos os ricos possuíam e emprestavam para a generalidade dos velórios; depois, as velas de cera; actualmente, as lâmpadas eléctricas das Agências Funerárias, sofisticadamente piscando imitações de velas.

Mantém-se a caldeirinha da água benta, aos pés do finado, para que, cada pessoa que chegue proceda à aspersion do cadáver, com o hissopo, que, nas últimas décadas, substituiu o ramo de oliveira.

Os factos referidos constituem um conjunto de práticas, ritos e crenças, que reflectem alguns aspectos do imaginário cultural da comunidade alcaidense, comum a muitas outras aldeias do País.

Todas as culturas conhecidas tentam dar respostas aos problemas equacionados sobre a morte, porque,

tantas vezes tabu, ela está rodeada de comportamentos institucionalizados ou informais, que correspondem ao *último rito de passagem do homem no mundo dos vivos* (Riley, 1975:275), no caminho da Eternidade.

## **Bibliografia**

Ariès, Philippe. 1988 *História da Morte no Ocidente*, Editora Teorema, Lisboa.

Fulton, Robert. 1977 «Muerte», *Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales*, Editora Aguilar Madrid.

## POPULAÇÃO DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA (1860-1910) - PRIMEIRA ABORDAGEM

Por António Maria Romeiro Carvalho

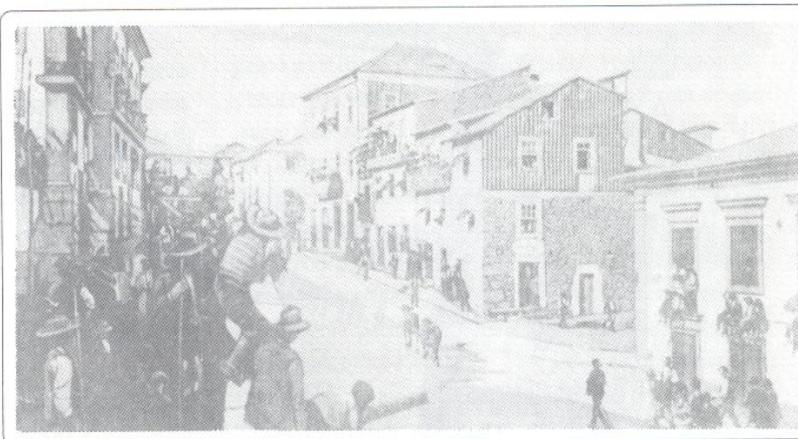
### 1. Fontes

A legislação saída da República, logo em 1910, obrigava os párocos a entregar todos os *Livros de Registos* de Baptizados, Casamentos e Óbitos nos registos civis da área. Face a esta situação os bispos ordenaram aos párocos uma rápida cópia-resumo dos mesmos livros. São os *Livros de Extractos de Registo de Baptismos, Casamentos e óbitos*, a nossa principal fonte histórica utilizada. Existem, e foram consultados, os de Idanha-a-Nova, Ladoeiro, Proença-a-Velha, Rosmaninhal, Salvaterra do Extremo (com Monfortinho), São Miguel de Acha, Segura e Zebreira (com Toulões).

Este tipo de fontes permite uma rápida consulta e um trabalho quantitativo à escala do Concelho, do Distrito e mesmo nacional. Porém, estes *Livros* não são tão completos na informação

concedida como os *Livros de Registo*. A par desta limitação, há um cuidado a ter: devido ao apressado da cópia-resumo, o historiador deve ter em atenção os erros derivados da pressa e, igualmente, os erros derivados do trabalho duro e repetitivo, que é a função de copiar.

Algumas paróquias não têm os *Livros* completos e outras, simplesmente, não os têm. Os anos de 1910 e 1911 têm muitas omissões, ou estão totalmente omitidos. Foi uma época conturbada; um período de anti-clericalismo mais visível. Mas tudo está normalizado logo em 1919. Como refere contente o pároco do Ladoeiro, neste ano, legalizaram-se os dois últimos casamentos civis que havia na freguesia.<sup>(1)</sup>



### 2. Dados semi-tratados

O que hoje apresentamos é o primeiro passo de um trabalho mais longo e profíquo. Pouco mais é que a apresentação de dados demográficos do Concelho de Idanha-a-Nova, no período 1860-1910. O que se deseja é fazer um estudo comparativo entre estes dados e os de nível nacional e europeu.

#### 2.1. Taxa de Natalidade

A taxa de natalidade é, conforme o quadro 1 apresenta, elevada: ronda, ou ultrapassa mesmo, os 40/1000 (2). Em 1910 (Quadro I), é de 38, contra os 33,5 da média nacional. Uma taxa que se afirma, na primeira década do século XX, como a quinta da Europa, a seguir à Rússia (45,8), Hungria, Espanha e Grécia.

Para períodos anteriores-1855-a taxa concelhia,  $\geq 40$ , é a segunda

da Europa, logo abaixo dos sempre maiores valores da Rússia-48.

#### 2.2. Taxa de Mortalidade

Igualmente elevada se apresenta a taxa de mortalidade. Ronda os 20, nos anos de 1878 e 1910, apresenta os valores médios nos anos de 1885 e 1900, subindo aos elevados valores de 37/39 nos anos de 1864 e 1890.

Comparativamente à Europa da primeira década do nosso século, a média portuguesa é menor e esta se situa no quinto lugar, logo atrás da Rússia (29,5), Hungria, Espanha e Itália.

Para períodos anteriores - 1885 - não possuímos

mais que a taxa da Rússia, 40.<sup>(2)</sup> Enfim, pelo menos para a primeira década do século XX, às maiores taxas de natalidade correspondem, *grosso modo*, as maiores taxas de mortalidade.

### 2.3. Taxa de Nupcialidade

A taxa de nupcialidade varia entre os 15 e os 21. Não possuímos dados que permitam comparações. Apenas nos parece muito menos variável que as taxas de natalidade e de mortalidade.

## 3. Análise Qualitativa

### 3.1. Nupcialidade

#### 3.1.1. Mês do casamento

Os casamentos são um acto social e acontecem depois das colheitas. Num concelho de predomínio agrícola, cereais e gado em binómio, é depois das ceifas, debulha e divisão do pão por todos os braços intervenientes que a maioria dos casais se

Quadro I - Concelho de Idanha-a-Nova - População.  
Taxas 1/1000

	1864	1878	1885	1890	1900	1910
Taxa/Natalid.	40	43	47	39	43	38
Tx./Mortalid.	37	20	30	39	30	23
Tx./Nupcial.	17	21	15	17	20	17

compromete aos olhos de Deus e da aldeia. São pois os meses de Agosto, Setembro e Outubro os de mais bodas: quase 50% até 1885, mais de metade após esta data. No quinquénio 1905-1909, atingem 64% os casamentos realizados nestes três meses. De entre eles é o mês de Setembro o de maior percentagem e, depois de 1885, ultrapassa sempre a soma dos outros dois, Agosto e Outubro. Setembro é o mês de São Miguel, o mês das rendas, o mês da arrumação anual das contas. (Quadro II) Outro facto a registar é o de o mês de Outubro, a partir de 1880-1884, ultrapassar o de Agosto. Maior ruralização?

É milenar este acto de ligar o casamento à boda, ao convívio/ aprovação do colectivo; ligar a fertilidade humana à fertilidade da *terra-mãe* demonstrada na mesa farta da boda. Este facto social total (religião, economia, ritual, banquete), que é sagrado, continua com o Cristianismo/Catolicismo, que dele se apropriou, isto é, cristianizou. Não admira, assim, que as proibições da Igreja (tridentina) sejam aceites e, desta forma, contribuam igualmente para o calendário dos casamentos: não casar no Advento, que é a época pré-natalícia do Deus; não casar na Quaresma, que é a época de total abstinência. E é na Quaresma (Fevereiro/Março) e na época das ceifas (Junho/Julho) quando menos casamentos se verificam: de 3 a 4,5%.

Porquê esta abstinência seguida tão de perto? Determinação eclesiástica? Não. A época do rebentar do trigo é de tal forma perigosa, temerosa, que nada de alegre ou barulhento pode acontecer. Deste acto de nascer depende a sobrevivência da aldeia.

#### 3.1.2. Dia do casamento

O dia escolhido para o casamento é igualmente submetido à peneira da cultura. Os dias preferidos são os de 4ª e 5ª feira, seguidos de 2ª e sábado. Terça e sexta feiras são dias muito raramente utilizados. (Quadro III). A partir de 1885, todos os dias da semana perdem um pouco para o sábado. Quarta-feira é o dia que mais perde: 6,5%.

Os dias de Terça e de Sexta feira só possuem 1% das preferências (21 e 14, respectivamente), no total dos 50 anos. Mesmo que não seja erro do padre copista, erro perfeitamente natural, o número é absolutamente insignificante. São "dias de bruxas", dias aziagos. Sexta-feira, com apenas 14 casamentos em 50 anos, é significativo. É o dia da morte de Cristo, melhor, o dia em que, pelo seu milenar significado de tristeza, colocaram a morte de Cristo, do Deus que vai morrer para que haja vida, qual grão que vai morrer para que a nova planta brote. Sexta-feira, como a Quaresma, são tempo de luto, da noite, do negro, que é a noite do sepulcro, como é a cor que rodeia a semente enterrada.

Porquê a transferência para sábado a partir de 1885? Uma evolução sócio-económica-mental no sentido de colocar a festa no terminal da semana,

Quadro II - Casamentos / Meses do Ano (%)

	Ago.	Set.	Out.	Soma	Restantes
1860-64	14	20	11	45	55
1865-69	14	16	13	43	57
1870-74	14	20	13	47	53
1875-79	13	19	12	44	56
1880-84	10	23	16	49	51
1885-89	10	22	20	52	48
1890-94	10	31	15	56	44
1895-99	15	29	15	59	41
1900-04	6	35	17	58	42
1905-09	11	36	17	64	36
<b>Média</b>	<b>11</b>	<b>23</b>	<b>14</b>	<b>47</b>	<b>53</b>

dando-se maior importância ao descanso e ao domingo? Talvez!

#### 3.1.3. Idade do casamento

Não há dados em quantidade suficiente para fazer uma generalização ao Concelho. Só no Ladoeiro e São Miguel de Acha existem dados. Deste modo, a única afirmação possível, considerando o período 1860-1921, é a de que a idade mais frequente é a de 25 anos para o homem e 22 para a mulher. Para

além desta, uma sugestão. A partir de 1890, as percentagens das idades mais altas (27-32 para os homens e 25-30 para as mulheres) descem claramente, quase para metade. Uma diminuição da idade de casamento que tem a ver, tal como a alteração do dia para sábado, com a industrialização? Com a emigração?

### 3.2: Natalidade

O nascimento é um acto de vida ou de morte, seja

	1861 - 1885	1885 - 1910
Segunda	17,5	15
Terça	9	12a
Quarta	35,5	29
Quinta	24,5	23
Sexta	8 b	6
Sábado	14	27
Domingo	6,5	4

a - 7 no ano de 1908, no Ladoeiro  
b - 7 no ano de 1861: 4 na Zebreira e 3 no Ladoeiro

para a criança ou para a mãe. Os expostos são em bom número no Concelho, a acreditar na fonte oficial.<sup>(3)</sup> O quinquénio 1860-1864 apresenta 15% de expostos sobre os nascimentos. A partir de 1900, a tendência é para terminarem os expostos. Aliás, e aproveitando o melhor e o mais completo exemplo que possuímos, o de Salvaterra do Extremo, para o decénio 1880-1889, igualam-se expostos e filhos ilegítimos. Na década seguinte, a percentagem sobre os nascimentos é de 0,2% e 1%, para na primeira década do século XX terminarem praticamente os expostos e se manter a percentagem de filhos ilegítimos.<sup>(4)</sup> Em 20/30 anos, uma mudança no modo colectivo de encarar a criança?

### 3.3. Mortalidade

A mortalidade é elevada, como já foi referido.

Quadro IV- Mortalidade / Idades (%)

	0 - 2 anos	Restantes
1860 - 69	41	59
1870 - 79	44	56
1880 - 89	50	50
1890 - 99	47	53
1900 - 09	53	49

Nota - Números referentes apenas a Ladoeiro e Idanha-a-Nova

Observando o quadro das idades em que a morte chega, a mortalidade infantil fornece o maior contingente para esse número: quase metade dos

óbitos acontece em crianças dos 0 aos 2 anos de idade; (Quadro IV) de 41% no decénio 1860-1869 a 51% no primeiro do século XX.

Os meses de maior frequência são os de Agosto, Setembro e Novembro, com 10% e Outubro, com 12% dos óbitos. Os meses com menos óbitos, 6%, são os de Fevereiro, Abril e Maio. Que factores intervêm nesta escolha da Parca? A dureza do clima e dos trabalhos; o desenvolvimento de doenças adquiridas durante o Verão e suas águas; isto é, o Verão mata a *posteriori* (Quadro V).

Quadro V  
Óbitos / Meses (%)  
1860/1909

Janeiro	8
Fevereiro	6
Março	7
Abril	6
Maio	6
Junho	8
Julho	10
Agosta	10
Setembro	10
Outubro	12
Novembro	10
Dezembro	8

Para os mais velhos, é a aplicação do princípio construído na mais perfeita e bela ligação homem-natureza: nascer é sair, morrer é o regresso ao ventre da grande deusa-mãe-terra; é cair no tempo da queda da folha.

As doenças contraídas são muitas, raros ou inexistentes os remédios e os médicos, poucos os cuidados de higiene e vulgar a promiscuidade. Numa situação destas, toda a doença pode virar morte, como mortal ou brutal é o tratamento aplicado. É o caso dos *carbúnculos*. Ampolas criadas pelas picadas das moscas dos animais eram queimadas na forja do ferreiro, qual marcação de gado. A *portugueja* (urticária) era tratada vestindo a doente com roupa suja de homem. Para a *sarna* podia-se untar o corpo do doente com petróleo. Tratamento brutal, mas igualmente interessante do ponto de vista simbólico, é o dado à criança atacada de *sarampo*: embrulhavam-na num cobertor vermelho durante 5/6 dias; era um cobertor de *betão*, picava horrivelmente. Era para o sarampo sair mais depressa. O *mau nascido*, *cancro*, comia rodela de toucinho ou pó de sapo: pegava-se no sapo vivo, cozia-se numa panela de barro ao lume; o que restava da cozedura moía-se e colocava-se esse pó em cima do nascido. Os *cobrões*, que apareciam no corpo dos homens e mulheres porque havia passado uma cobra por cima da roupa quando se encontrava a enxugar, eram tratados com óleo de trigo apertado a quente sobre a bigorna do ferreiro. Mas as maiores doenças eram as *sezões* ou *maleitas*, Para quebrar estas febres de quente e de frio, bebia-se chá feito a partir da flor silvestre *fel da terra*. Vindas no final do Verão, matavam de fio a pavio, principalmente crianças. Quando demorava a mortandade, logo se ouvia dizer que "este ano ainda não veio a varredora de anjinhos".

A parca alimentação nada ajuda no combate às doenças: pão e azeitonas e um naco de toucinho;

uma alimentação de base vegetariana.

O Verão é fatal para as crianças que bebem água dos regatos, comem fruta ainda verde, suportam os agros do clima com as mães e bebem o “leite envenenado” por esforços brutais e continuados. Até os costumes ajudam: enfaixa-se a criança em *baietas* logo após o nascimento e durante três meses, apertando-o para que a cabeça não pese para a frente fique marreca; é preciso que o bebé fique rijinho.

Outro fenómeno diz respeito à mortalidade pós 60 anos: as mulheres duram mais que os homens. A idade anciã é um domínio feminino. Explicação para este facto não encontramos. A mulher casa mais nova e, viúva, raro se recasa. Passada a perigosa época da fertilidade, a mulher, com menos trabalhos e com menos vícios que o homem, tem mais hipóteses de uma longa velhice?

### Conclusão

*Concelho de Idanha-a-Nova (1860-1910): revolução demográfica em ambiente rural*

O Concelho de Idanha-a-Nova, considerado no período de 1860-1910 apresenta características típicas da demografia do Antigo Regime; contudo outras apresenta já dentro do novo regime demográfico. A data charneira parece ser 1885.

São características do regime demográfico tradicional as elevadas taxas de natalidade e de mortalidade. Enquanto a primeira se situa pelos 40, a segunda meta-se nos 30. Valores que, no início do século XX, são demasiado elevados em relação aos países mais desenvolvidos da Europa. Enquanto que a Inglaterra, França ou Alemanha tiveram a grande *revolução demográfica* nos finais do séculos XVIII e inícios do XIX, Portugal irá bem dentro do século XX para que o moderno regime demográfico se imponha; isto é, as taxas de natalidade e de mortalidade baixarem para os 20 e 10, respectivamente.

Característico é também a elevada mortalidade infantil, que aqui ronda os 50%.

A partir do quinquénio 1885-1889, algo parece mudar. Para além das taxas de natalidade e de mortalidade baixarem, ainda que *pouco decididas*, a alteração clara de casamento para o sábado e a diminuição da idade do casamento parecem indicar novos rumos na demografia. Contudo, os inícios do século XX são caracterizados por um reforço da ruralidade, falhada que foi a política desenvolvimentista/industrial da segunda metade do século XIX. As condições de vida quotidiana continuam iguais às de sempre neste Concelho rural e interior. A mortalidade infantil, teimosamente a manter-se superior a 50%, prova-o.

### Fontes

*Livros de Extractos de Registos de Baptismo, Casamentos e óbitos da Paróquia de 1860-1911, Idanha-a-Nova, Ladoeiro, Proença-a-Velha, Rosmaninhal, Salvaterra a do extremo, São Miguel de Acha, Segura e Zebreira.*

*Livro de Expostos do Concelho de Idanha-a Nova, 1856-1869, 1888-1918.*

### Bibliografia

CIPOLLA, Carlo M., *História Económica da População Mundial*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977, pp.143.

LEBRUN, François, *A Vida Conjugal no Antigo Regime*, Lisboa, Edições Rolim, 1983, pp. 168.

NAZARETH, J. Manuel e SOUSA, Fernando, “A Demografia Portuguesa em Finais do Antigo Regime”, *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, nº4, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1983, pp. 123.

NAZARETH, J, Manuel, *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1979, pp 239.

### Notas

1-*Livro de Informações e Notas sobre a Freguesia do Ladoeiro, 1917 - 1944, 11. 2A.*

2-Para estes dados europeus, def. Cario M. Cipolla, *História Económica da População Mundial*, p. 82.

3 -*Livros de Expostos do Concelho de Idanha-a-Nova, 1856-1869 e 1888-1918.* Dados quantitativos recolhidos pelas alunas Carta Justo e Liliana Folgado.

4 - Parece haver tendência para a fixação numa mulher, que é casada e jornaleira: de 1870 a 1879 (19 anos), há 14 filhos ilegítimos em Salvaterra; 5 são da mesma mulher (A C.) e 2 de uma outra (I. R).

## MIGUEL TORGA - "O ALMA GRANDE"

Por António Morão

Sempre que releio o conto de Miguel Torga "O Alma Grande", se me levantam perguntas e dúvidas que hoje vou expor, mesmo que não encontre necessariamente as respostas. Lembrem essa estranha e temível figura do "Alma Grande" que, em perdida aldeia de Trás-os-Montes, terra de judeus, na hora derradeira com a tenaz das suas mãos e o peso do seu joelho passava guia aos moribundos, no dizer de Torga.

Nunca me conformei com o terrível relato de Torga e confrontei a figura do abafador e o seu trágico papel naquela parcela perdida de Israel, com o espírito e a letra da Tora. Miguel Torga acentua bem que, por detrás da sagrada cartilha ensinada pelo Padre João, está, plantado em sangue, o Pentateuco.

Aqui começam as dúvidas quanto ao bem fundado costume de abafar os moribundos e apressar-lhes a morte. Estranha antecipação - da prática moderna da eutanásia, para não dizer, se não fora horrorosa e cruel ironia depois de Auchwitz, profético aviso quanto aos processos da morte, "a mestra que havia de chegar da Alemanha", no dizer de Paul Celan!

Se sentimento há em que a Bíblia é mestra insubstituível e eterna é o respeito da vida.

Foi neste povo que nasceu o quinto mandamento: "Não matarás". Por isso me custa aceitar que o abafador, a ter existido este cargo nas perdidas e isoladas comunidades judaicas, dispersas nas povoações cristãs, tenha começado por ser um instrumento de morte ou, na melhor das hipóteses, mesmo de libertação do sofrimento de um irmão que lutava nas vascas da agonia.

### Preconceito Cristão?

Daqui a minha suposição de que fosse um preconceito dos cristãos velhos que não

compreendiam que os membros da oculta comunidade judaica que aceitava o predomínio externo das práticas culturais cristãs, recusasse na hora derradeira o padre que deles cuidara e que viesse um outro membro da comunidade judaica assisti-lo na hora final e ser testemunha do último suspiro. Nada mais fácil para um católico pensar o pior e da suspeita passar à calúnia e ao começo do terrível preconceito e ao infamante epíteto: o abafador.

Estranhamente os cristãos têm memória curta. Nos primórdios do Cristianismo, os ritos da nova fé que se espalhava rapidamente pelo Império romano não eram entendidos, até porque havia da parte dos cristãos a prática corrente do sigilo e da iniciação desses mesmos ritos, o que originou os mais estranhos boatos. A comunhão do corpo e do sangue de Cristo tornava-se nos ouvidos dos romanos e de outros habitantes do Império uma prática de canibalismo. Há em Pompeia um curioso grafito: um homem crucificado com cabeça de burro e a inscrição: F. adora o seu deus.

Neste ponto, os cristãos não inovam. Até esquecem as suas origens; de perseguidos volvem-se em perseguidores e o ciclo da

violência persiste em todas as formas de discriminação.

O abafador é, para mim, um perverso exemplo de discriminação arrogante e desdenhosa. Explica-se a sua existência, talvez, pela prática do sigilo e pelas características especiais de vida das pequenas comunidades judaicas que mantinham um cripto-judaísmo, cada vez mais afastado da prática tradicional e da fiel reprodução dos ritos religiosos, sem possibilidade de existência à luz do dia e sujeito a todas as malformações e deformações que a vida isolada necessariamente tende a provocar.



### Adulteração do Rito Sagrado?

A ser verdade que o trágico conto de Miguel Torga se baseie em factos reais, não posso deixar de pensar que estamos perante uma adulteração terrível de um acto mais consentâneo com a lei de Moisés e com o profundo e admirável pensamento religioso do judaísmo. Não devemos esquecer que a Bíblia e, mais especialmente o Pentateuco, o livro fundamental, era leitura obrigatória nas sinagogas. Ao judeu crente impunha-lhe a Lei a recitação diária da fórmula tradicional da fé, "SCHAMMAI, ISRAEL", proibia-lhe os crimes de sangue, abolira os sacrifícios humanos, principalmente de crianças, hábito comum e frequente em todas as culturas do Médio Oriente e de que o exemplo mais conhecido é o episódio, mal compreendido, do sacrifício de Isaac, que Abraão conduz ao monte Mória para ali o imolar por exigência de Javé.

Mas Deus Javé suspende o golpe executor do rito sangrento. Abraão regressa à sua tenda de nómada. Nunca mais entre os hebreus se repetirá esse sacrifício.

Então como é possível que nas pequenas comunidades judaicas se tenha introduzido a figura do abafador?

Adianto duas hipóteses ou, melhor, simples tentativas de explicação que podem não ser, obviamente, verdadeiras.

Mas antes de prosseguir, chamo a atenção para o facto de que só, em Portugal e nas comunidades submersas no mar cristão, aparece tão estranho comportamento ligado à morte. Penso que nas comunidades que conseguiram sobreviver e tiveram uma regular prática das exigências culturais, como a reunião sabática, o festejo das grandes datas judaicas, nunca se apontou tal costume, que não deixa de ser, à primeira vista, bárbaro. Hoje talvez com o aparecimento de

opiniões que defendem o apressar do fim da vida quando as doenças são terrivelmente dolorosas e incuráveis, alguns se lembrem de dizer que nisto os judeus foram já precursores...

Vamos, portanto, apontar as duas explicações para

a função do abafador. A primeira nasce, julgo eu, de uma corrupção de um rito da morte que devia ter existido nas comunidades dos judeus fiéis. Nos ritos fundamentais das culturas e religiões, existe uma certa semelhança que é fruto de uma lei de universalidade e de simultaneidade. Chamo a atenção para o comportamento sacramental dos cristãos que nem sempre foram tão criativos como, por vezes, se diz ou se quer fazer crer. Unções, ritos como o baptismo e o crisma encontram-se com outros nomes em quase todas as culturas, são os conhecidos ritos de iniciação. Só que os cristãos, para empregar uma expressão que não é muito do meu agrado, mas que aqui uso para me tornar mais compreendido, deram a volta ao texto e ligaram toda a teologia dos sacramentos (palavra sintomática que significa sinal) à pessoa e obra de Jesus Cristo.

Não me alongo neste ponto porque está fora dos desígnios de momento e é utilizado, aqui apenas como referência.

Não podemos esquecer que, no primeiro livro da Bíblia, o Pentateuco, o fundamental da Lei judaica, a criação do homem está ligada a dois aspectos bem terrestres e extremamente concretos: o barro que Javé utilizou para moldar o ser humano, Adão (mais um parêntese para esclarecer que esta palavra não é o nome do primeiro homem, mas o próprio conceito de homem) e o sopro da sua boca que animou o barro amassado.

A vida, em quase toda a extensão da Bíblia e enquanto não foi influenciada pela filosofia grega, identificava-se com o ar. Ainda hoje quando falamos do último suspiro que é afinal o derradeiro sopro e

não o ai martirizado de quem sofre, estamos a repetir a velhíssima expressão da narração javística da



Bíblia Hebraica.

Ora era lógico que nas comunidades hebraicas da Península houvesse um rito final que recolhesse o último sopro como sinal de que a vida do que partia, continuava a animar a comunidade com a qual tinha partilhado o destino.

Para o cristão há um rito de morte, a última unção. O cristão é também herdeiro do Antigo Testamento e com os judeus partilha as grandes exigências éticas e religiosas. O abafador ligar-se-ia a um rito de morte. Talvez na origem estivesse um gesto, símbolo da recolha do último sopro de vida. Esse homem representaria na comunidade hebraica o cuidado que ela tinha com o seu membro moribundo de quem recolhia as últimas forças e as transmitia por fé comum aos que lhe seguiam.

Aconteceu que com as perseguições, a conversão forçada ao Cristianismo, o isolamento das famílias judaicas que começaram a viver misturadas na massa cristã, sem sinagogas onde se ouviam, até então, os grandes feitos de Deus Javé com o seu Povo, a impossibilidade de celebrar as grandes festas judaicas, principalmente a Páscoa que nos seus companheiros forçados, os cristãos velhos, tinha outro significado, os gestos ligados à vida e à morte desvaneceram-se e aconteceu algo de terrível. O gesto fraterno de recolher o último sopro de vida tornar-se-ia assim num acto de apressar a morte do irmão que lutava na hora da agonia.

Estamos em frente da corrupção de um rito sacral que tomou outros rumos e se prestou, por outro lado, às difamações que os cristãos nunca pouparam aos judeus, seus vizinhos, a quem tantas vezes massacraram em momentos de fanatismo e que se prolongam no anti-semitismo a que este conto de Torga infelizmente não escapa.

### O Complexo de Massadá ou o Gesto de Resistência

No entanto, há outra abordagem deste gesto e comportamento nas comunidades judaicas da Diáspora. O antecipar da morte pode querer significar a resistência à conversão forçada. Os cristãos novos eram obrigados à prática exterior cristã: baptizavam-se, frequentavam o culto dominical, recebiam a comunhão, casavam-se em igrejas, eram obrigados a pagar a cõngrua. Mas havia um ponto em que não cediam nem fraquejavam na última hora. o pároco não teria oportunidade de aparecer nessa hora decisiva e o judeu crente escapava finalmente a essa presença que se lhe tinha, tantas vezes, tornado odiosa. O abafador tinha o papel trágico de repetir, no isolamento de aldeias perdidas em Trás-os-Montes e Beiras, o gesto derradeiro dos defensores

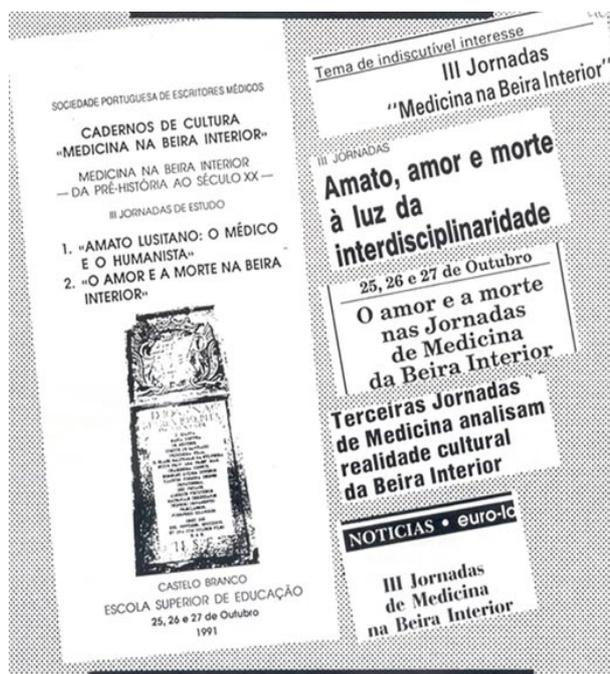
de Massadá.

Seja-me permitido lembrar essa saga sangrenta da guerra romano-judaica dos anos setenta, começada com o Imperador Vespasiano e prosseguida por Tito. Após a conquista de Jerusalém, a destruição do Templo e da cidade, o desterro de toda a população da Judeia, a escravização dos sobreviventes e a sua dispersão pelo império, o derradeiro grupo de combatentes acolheu-se no monte de Massadá, sobranceiro ao Mar Morto, onde Herodes construía um palácio e erguera uma poderosa fortaleza. Ali, durante meses, resistiram ao assédio e aos assaltos das legiões romanas. Por fim, esgotados, os defensores fizeram um terrível pacto: matarem-se uns aos outros e suicidar-se o último. No assalto final, os romanos encontraram os combatentes mortos, excepto duas ou três mulheres, gravemente feridas que contaram o que tinha acontecido. Antes mortos que feridos.

Não estará na origem do abafador esse complexo de Massadá? Aqui fica a interrogação. Talvez assim se compreenda a grandeza trágica que Miguel Torga, com sobriedade e vigor, descreve nessa luta entre o abafador e o doente que resiste à terrível pressão da mão que tenta debalde estrangulá-lo.

Seja-me permitida uma observação: este conto de Miguel Torga pode tornar-se mais um argumento que empreste armas ao já, por demais vasto, arsenal do anti-semitismo.

Razão para se utilizar com cautela nas aulas de Português.



## A MORTE E O AMOR

Por António Branquinho Pequeno

Procurarei situar aqui, muito rapidamente e “à vol d’oi-seau” alguns dos parâmetros da antiquíssima aliança entre “Eros” e “Thanatos”, entre o Amor e a Morte, que possam “Eros” de certo modo, como tela de fundo destas Jornadas da Beira Interior em torno deste mesmo tema e começaria por dizer que, justamente, o orgasmo é bom, também, porque morre logo, não dura muito, caso contrário seria insuportável.

Essa antiquíssima aliança entre o amor e a morte, como acima dizia, é nomeadamente mediatizada através dos alimentos, do prazer da mesa, da incorporação gastronómica. A mesa, território privilegiado, sagrado mesmo, funciona aí como um espaço catalizador que inclui a póstuma presença dos mortos, tal como o faziam há mais de 5000 anos a. C. os antigos habitantes da Mesopotímia, à beira do Tigre e do Eufrates.

Neste registo se inscreve a refeição funerária, ainda hoje praticada nas regiões agrárias do interior, pois que nas cidades a morte está altamente medicalizada, é cada vez menos morte, menos familiar, mais anónima e gerida por agentes não menos anónimos.

A refeição funerária permite, ao nível do simbólico, essa extrema aproximação entre o falecido e seus familiares e amigos através da comida. Depois do enterro, familiares e amigos mais chegados abancam à mesa, a refeição funerária equivalendo à incorporação amorosa do desaparecido. Ressalvadas as enormes diferenças culturais, o que

resta da refeição funerária dos nossos dias equivaleria à refeição antropofágica das práticas do endo-canibalismo ameríndio, tal como ele é ainda praticado pelos índios Guayaki do Paraguai, pelos últimos sobreviventes desta etnia da floresta.

É sobretudo a partir do século XVI que a morte passa a possuir cargas eróticas, o que tanto a arte como a literatura tão bem ilustram. Que se pense nas torturas que atléticos algozes infligem a S. Bartolomeu ou nas representações da união mística de Santa Teresa com Deus ou nas figuras eróticas do Cristo, tais as de Rosso. Em “A morte e a jovem” (1517) do Kunstmuseum de Basileia, a morte acaricia sexualmente a sua vítima, dir-se-ia mesmo que aqui a morte rapta e viola a donzela. Particularmente erótica também é a representação de “O Cavaleiro, a Mulher e a Morte” (séc. XVI) de Hans Baldung Grien.



Por vezes estas alianças da morte e da sexualidade tomam formas obscenas.

Enfim, talvez nunca a morte tenha estado tão íntima e tragicamente associada ao amor e à sexualidade como nos nossos dias, com a ameaça do SIDA (síndrome imuno-deficitário adquirido), porquanto sabemos que um dos modos privilegiados da transmissão do vírus se estabelece através do coito e das práticas sexuais.

Também no passado, e pelo menos até à segunda guerra mundial, a morte romântica esteve não menos intimamente ligada ao flagelo da tuberculose, a peste branca da antiguidade. Isto antes da descoberta da estreptomomicina em 1944 por Waskman e do

Ilustração sobre a praga sífilítica. Duas mulheres marcadas com vestígios da doença, suplicam de joelhos o fim do flagelo. Em primeiro plano jaz um corpo marcado pela sífilis



de investigação e o amor e a morte na Beira Interior.

Sobre Amato irão ser apresentadas várias comunicações e podemos já anunciar as seguintes: "A CULTURA ANATÓMICA DE AMATUS, pelo professor J. Caria Mendes;" "O SEGREDO NA IATRO-ÉTICA-EVOLUÇÃO E CONCEITOS REVENDO O JURAMENTO DE AMATO", pelo dr. Romero Bandeira Gandra;" "AMATO NA HISTORIOGRAFIA MÉDICA DO SÉC. XVIII", pelo professor Alfredo Rasteiro e "ATRAVÉS DA DOR, NAS CENTÚRIAS MÉDICAS", pelo dr. António Lourenço Marques.

Várias comunicações estão previstas para o segundo tema que será ainda ilustrado pela Orquestra típica albicastrense, que durante o jantar do dia 26

executará um reportório musical subordinado ao amor e à morte no Cancioneiro regional da Beira Interior. Uma exposição bibliográfica sobre João Rodrigues de Castelo Branco estará também patente na Biblioteca Municipal da cidade e uma outra exposição de fotografia do jornalista Camilo dos Santos sobre os caminhos do homem, iniciativa do "Jornal do Fundão", estará patente no átrio daquela Escola Superior.

In Jornal do Fundão - 11-X-91  
25, 26 e 27 de Outubro  
O amor e a morte nas  
Jornadas de Medicina da Beira Interior

## III JORNADAS

1- Os trabalhos tornaram mais evidente o interesse que há entre nós pela interdisciplinaridade já que os dois temas em debate - "*Amato Lusitano: o médico e o humanista*" e "*O amor e a morte na Beira Interior*"- atraíram a atenção de especialistas de diferentes áreas do saber, nomeadamente médicos, antropólogos, arqueólogos, etnólogos e de outras formações superiores que deixaram mais claro, com as suas intervenções, o conhecimento de muitos aspectos que marcaram o perfil do homem desta região, no decurso dos tempos.

2 - O estudo da flora da nossa região referida nas *Centúrias* de Amato Lusitano demonstrou a sua grande riqueza e variedade, e que hoje terá ainda um interesse mais acentuadamente ramificado, em especial numa perspectiva ecológico-patrimonial e turística.

Verifica-se, no entanto, infelizmente, que algumas espécies se encontram em extinção. Os participantes consideraram que é urgente tomar medidas que promovam a sua recuperação e protecção.

3 - Em consequência do teor da conclusão anterior, acharam por bem propor à Câmara Municipal de Castelo Branco a criação de um Horto que deverá incluir a flora da nossa região referida e utilizada por Amato, e que não deixará de constituir um importante local de estudo e de lazer.

4 - Considerou-se com interesse a elaboração de uma edição crítica das Sete Centúrias de Curas Médicas de Amato Lusitano, e reafirmou-se a necessidade da tradução das outras obras de Amato, bem como de outros autores da Beira Interior que escreveram em Latim, nomeadamente de Filipe Montalto, devendo pedir-se a colaboração das Universidades para tal efeito.

5 - A comissão executiva irá diligenciar no sentido da elaboração de um índice Bibliográfico actualizado sobre Amato Lusitano.

6 - Os comunicantes e participantes avivaram alguns aspectos da biografia de Amato Lusitano, nomeadamente as passagens referentes à sua estadia em Ragusa, actual Dubrovnik, na Jugoslávia, que nos oferecem uma lição bem actual de tolerância e convivência.

MEDICINA NA BEIRA INTERIOR  
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XX



## CONCLUSÕES

7 - Mais uma vez ficou bem sublinhada a importância da investigação relativa a uma vasta documentação regional visando um conhecimento mais profundo da cultura portuguesa.

8 - Achou-se ainda por bem lembrar à Câmara Municipal de Castelo Branco a sua proposta tornada pública aquando das II Jornadas, em 1990, no que diz respeito à "atribuição do nome do Dr. José Lopes Dias a uma artéria da cidade de Castelo Branco, considerando o labor intelectual deste historiador médico, nomeadamente como estudioso da obra de Amato Lusitano.

9 - Para finalizar, foram escolhidos os temas para as IV Jornadas a realizar em Outubro de 1992. Ficou decidido que a figura e a obra de Amato Lusitano continuarão a ser um dos temas permanentes das futuras Jornadas, sendo o outro tema do

próximo ano '*A vida e a dor na Beira Interior*'.

### Carta do prof. Alfredo Rasteiro ao Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Medicina de Coimbra.

(28 de Outubro de 1991)

Na qualidade de encarregado de regência de História da Medicina participei mais uma vez nas Jornadas de Castelo Branco, com apresentação de uma comunicação sobre Amato Lusitano.

Entre as actividades próprias das Jornadas destaco a Exposição Bibliográfica no Liceu Nuno Álvares, herdeiro da Biblioteca do Colégio Jesuíta de S. Fiel, onde Egas Moniz foi Aluno e a Homenagem à sua Memória de que junto duas fotocópias de Documentos que estiveram na exposição.

Destaco destas Jornadas uma conclusão em que se protestou pelo facto de nas Sínteses da Cultura Portuguesa da Iniciativa do Comissariado para a Europália 91, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, actualmente em distribuição, o volume dedicado à CIÊNCIA EM PORTUGAL conter uma introdução histórica menos correcta, com imprecisões graves relativas nomeadamente a Garcia de Orta e a omissão indesculpável de não citar AMATO LUSITANO, o português que no campo científico terá tido maior projecção na Europa dos séculos dezasseis e dezassete.

Com os melhores cumprimentos.

O encarregado da regência de História da Medicina